

ACÁCIA

∞ OUTRAS TERRAS ∞

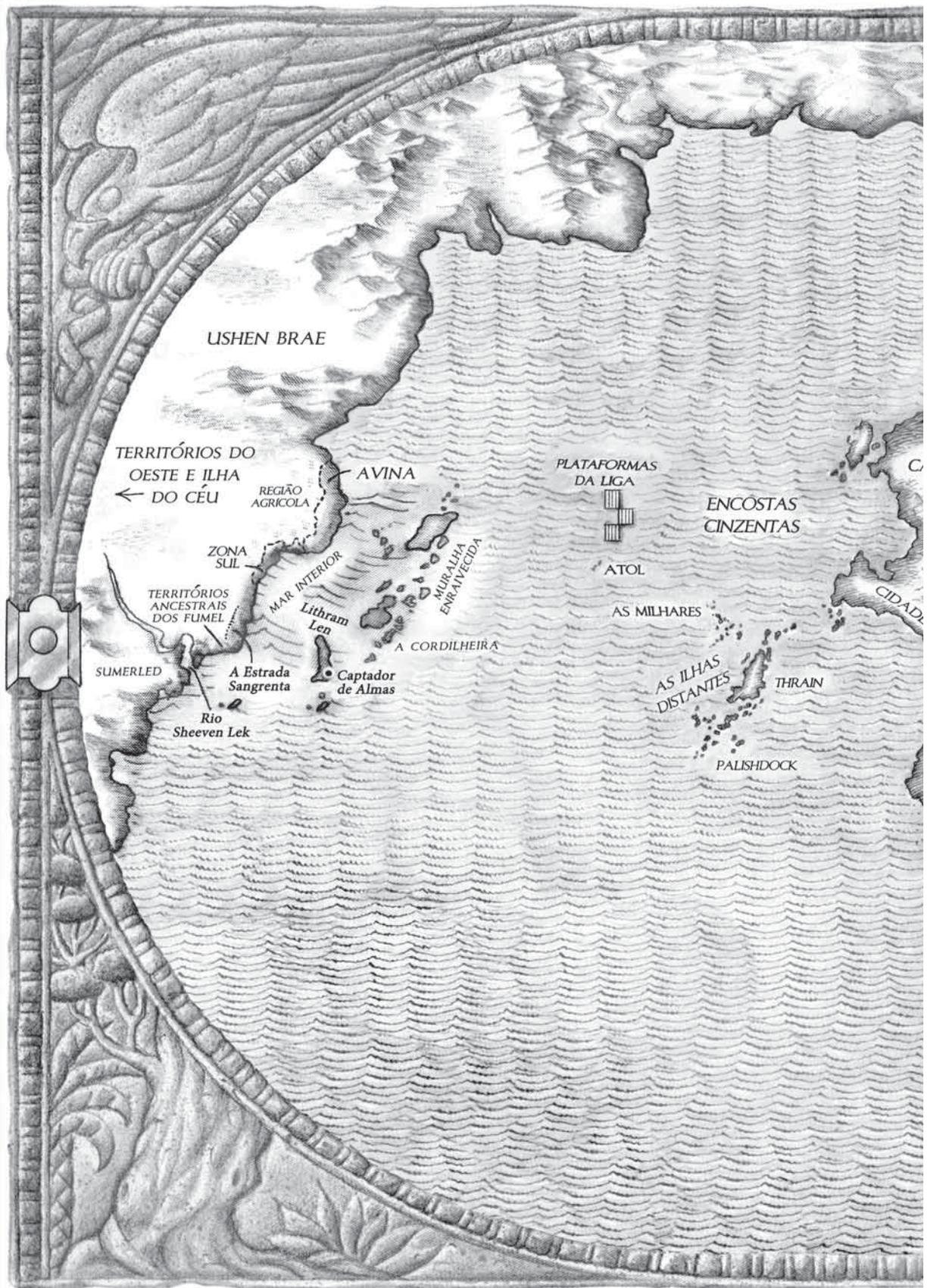
Tradução de Maria Correia

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*

DAVID ANTHONY
DURHAM



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir do tomo





*Para Maya e Dolphino,
sem os quais não teria havido
Mena e Elya*

AGRADECIMENTOS



A minha mulher, Gudrun, lê sempre tudo primeiro, o que é uma sorte para todos nós. Estou-lhe grato por isso; os leitores também o deveriam estar. Gostaria de agradecer também a Jamie Johnston (também conhecido como Dariel) por ter dado uma leitura apreciativa ao manuscrito. Hannah Strom-Martin foi maravilhosa ao editá-lo e este romance ficou muito melhor graças aos seus esforços. Como sempre, sinto-me feliz e considero-me com muita sorte por trabalhar com o meu editor, Gerry Howard, e por ter o apoio e orientação do meu agente, Sloan Harris. Gostaria também de dar as boas-vindas à vasta família de editores e de leitores que acolhem o meu trabalho por todo o mundo, em línguas que não falo. Obrigado a todos.



A HISTÓRIA ATÉ AGORA

RESUMO DE ACÁCIA, PRIMEIRO E SEGUNDO LIVRO DA SAGA



Thasren Mein, um assassino, empreende uma viagem a partir das terras longínquas do norte. Thasren é o irmão mais novo de Hanish Mein, líder do povo exilado nos territórios dos quais usa o nome. Possuído pela raiva insana de um povo derrotado, Thasren traz uma arma que pretende cravar no coração do Império Acácio, que domina o Mundo Conhecido, e anunciar assim uma guerra há muito planeada.

Enquanto Thasren prossegue o seu caminho para sul, atravessando os territórios de clima mais ameno do centro do império, a família real que pretende atacar vive uma vida idílica, abstraída dos perigos que a rodeia. Os Akaran, liderados pelo rei Leodan, vivem há gerações no centro de um próspero império. Os territórios têm vivido numa paz relativa durante anos, apesar de a nação ser fruto de uma guerra caótica antiga. Essa guerra tornou-se mito nas lendas sobre o primeiro rei, Edifus, do seu filho, Tinhadin, e dos lendários feiticeiros, os Santoth, que os teriam ajudado a conquistar o poder.

O rei Leodan governa a partir da bela ilha de Acácia, situada no meio de um mar interior. É viúvo e dedica todo o seu amor aos quatro filhos que tem: Aliver, um rapaz teimoso de dezasseis anos, Corinn, a bela da família, Mena, uma adolescente perspicaz; e Dariel, de nove anos, um menino de espírito aventureiro. Leodan sabe que o império é mantido através de atos criminosos que se vêm cometendo há muito e que se perpetuam. Além de manterem as províncias sob o pulso

de ferro de um poderoso exército, ao longo de séculos, os acacianos têm feito comércio com estrangeiros, que vivem em terras distantes, conhecidos como os Lothan Aklun. Um consórcio de comércio marítimo, a Liga dos Navios, controla todo o comércio ao pormenor, de modo a que os dois lados nunca entrem em contacto. Os acacianos enviam uma Quota regular de crianças para servirem como escravos numa terra desconhecida, recebendo em troca riquezas e uma droga a que chamam bruma. O império então distribui essa droga por entre a população, mantendo-a atordoada e obediente.

Leodan protege os filhos de tudo isto, querendo que tenham uma infância feliz e plena de amor. Porém, nos momentos de solidão, Leodan tenta esquecer temporariamente a sua culpa nos crimes do império — e a saudade imensa que sente pela mulher que morreu — fumando ele próprio a droga.

O seu amigo e confidente mais próximo, o chanceler Thaddeus Clegg, foi criado com Leodan. Thaddeus possui um segredo, algo que o virou contra o seu velho amigo. Soube recentemente — através das maquinações de Hanish Mein — que a família Akaran foi responsável pela morte da esposa que amava e de um filho pequeno, anos antes. Não se tratou de um crime de que Leodan tivesse tomado parte, mas saber o que aconteceu deixou Thaddeus profundamente amargurado e fê-lo trair o rei. Quando uma mulher soldado chega ao palácio para avisar o rei de movimentações de tropas no norte distante, Thaddeus mata a mensageira, proporcionando assim ao seu distante aliado Hanish tempo crucial para preparar um ataque de surpresa ao império.

Que terrível ataque em várias frentes é este! Durante um banquete no palácio, Thasren crava um punhal envenenado no peito do rei Leodan. O irmão de Hanish, Maeander, lidera um exército devastador a partir de noroeste. A nordeste, uma raça estranha, os numrek, combate selvaticamente como aliada do povo do Mein. Por todo o Mundo Conhecido, os soldados do Mein são recrutados por entre o exército acaciano rebelde. O próprio Hanish arrasta uma grande armada através da tundra gelada, com o intuito de, depois do degelo da primavera, largar as embarcações nos rios transbordantes e aparecer subitamente no Mar Interior, o coração do Império Acaciano. Além de tudo isto, Hanish solta uma peste contagiosa que deixa os vulneráveis acacianos numa tremenda agonia. A seguir, chacina-os sem piedade.

Apanhado de surpresa pela fúria súbita do ataque, o governo de Acácia cai. No leito de morte, Leodan manda chamar o velho amigo, Thaddeus, a fim de pôr em marcha um plano de salvação que haviam discutido anos antes. Apesar de tudo, Thaddeus concorda. O amor que sente pelos príncipes é demasiado grande para os entregar à mercê de Hanish Mein. Em vez de os trair, envia os filhos do rei para terras recônditas do império, escoltados por um guarda cada um, a fim de se esconderem. Na esperança de que cresçam e se tornem adultos em segurança, para que um dia se reúnam e voltem a recuperar o império.

Pouco deste plano corre como foi arquitetado. Só Aliver chega ao seu destino. É criado por um povo do sul, os talayanos, uma cultura tribal de guerreiros e caçadores, com fama de grandes corredores, que percorrem a pé as áridas planícies do vasto continente. Aí descobre que os feiticeiros míticos, os Santoth, existem de facto. Encontra-os e compreende que gostariam muito de voltar do exílio a que os obrigaram há séculos e ajudá-lo, mas receiam que a sua magia se tenha corrompido demasiado. Perguntam-lhe se possui *A Canção de Elenet*, o texto escrito na língua mágica do Doador. Aliver não tem consigo esse livro, por isso os feiticeiros continuam no exílio. Aliver torna-se homem num ambiente repleto de desafios e aprende muitas coisas que moldam o seu carácter e o potencial de liderança que possui. Os irmãos não se saíram tão bem.

A bela Corinn é traída pelo guarda que a deveria proteger. É entregue às mãos de Hanish e forçada a viver na nova corte do Mein que ocupou o palácio que pertencera outrora ao seu pai. Vive contrafeita, durante anos, na prisão de luxo em que é mantida, mas lentamente o carisma e encanto de Hanish começam a fasciná-la. Contra a sua vontade, apaixonou-se pelo seu captor.

Mena também não chega ao destino planeado para ela. O guarda que a protegia é morto, e a princesa, ainda menina, fica à deriva num pequeno barco em alto mar. Acaba por ir dar à costa no remoto e primitivo Arquipélago Vumu. Aí, acolhem-na como a encarnação terrena de uma das principais divindades da ilha, Maeben, a deusa águia da ira. Mena é criada no templo, numa posição privilegiada, apesar de obrigada aos rituais e formalidades estritos da religião. É esta a vida que leva durante anos, até Melio Sharratt — um amigo de infância de Aliver — a descobrir. Melio garante-lhe que a história dos Akaran não acabou e treina-a secretamente na arte da esgrima.

O guarda que tem o pequeno Dariel ao seu cuidado, ao não conseguir encontrar a pessoa a quem deveria entregar o menino, abandona-o no meio da enorme confusão de refugiados em fuga que atravessa as montanhas de Senival. Por acaso, o príncipe é encontrado por Val, um homem enorme que Dariel conhecera já, quando em pequenito explorava os subterrâneos onde trabalhavam os criados do palácio. Val contara-lhe sempre histórias dos primeiros tempos da sua vida, quando levava uma vida de pirata nas Encostas Cinzentas. Prova-lhe que essas histórias eram verdade quando leva Dariel para esse lugar remoto, criando o menino como salteador e capitão dos mares.

Por conseguinte, os quatro príncipes Akaran crescem e tornam-se adultos em ambientes completamente diferentes, sem nenhum contacto entre si durante anos. Thaddeus Clegg, o antigo chanceler, consegue voltar a reuni-los, sofrendo ainda com um enorme sentimento de culpa por ter traído o seu rei, e trabalha através de uma rede de agentes a fim de encontrar e juntar novamente os quatro príncipes Akaran.

Hanish Mein assume o lugar que os Akaran tinham ocupado. Aumenta a Quota de escravos e continua a oprimir o povo. Não passa muito tempo até que os vários povos do Mundo Conhecido, outrora contrafeitos em relação ao domínio dos Akaran, descubram que estão ainda em maiores dificuldades sob o poder de Hanish Mein.

Não sabem ainda o pior de tudo. Um dos primeiros reis acacia-nos, Tinhadin, lançara uma maldição sobre o povo do Mein. Não lhes é permitida a passagem para uma outra vida depois de morrerem. Os seus corpos são mumificados e os espíritos permanecem presos a eles — nem vivos nem mortos. Tratou-se de um ato de vingança de um tirano louco e Tinhadin não previu que as almas coletivas de todos aqueles antepassados do Mein se uniriam numa horda espectral chamada os Tunishnevre. Estes espíritos dos antepassados falam com o líder, Hanish, e exigem-lhe que os transporte para Acácia para uma cerimónia que, finalmente, os libertará e os trará à vida de novo com todo o poder e raiva que acumularam durante séculos enquanto mortos-vivos. Para ter êxito, a cerimónia exige preparação elaborada e o sangue de um dos descendentes Akaran.

Aliver começa a reunir as muitas tribos de Talay. Fala de uma nova aurora para o mundo, com um governo de justiça e igualdade,

em que o poder será distribuído igualmente por todos os povos. Jura que abolirá o comércio de crianças escravas, e, com o apoio distante dos feiticeiros Santoth, ajuda as pessoas a libertarem-se do vício da bruma que os atormenta há tanto tempo. Dariel, regressado de recentes escaramuças com a Liga dos Navios, junta-se ao irmão. Mena, tendo rompido com a religião que seguia em Vumu, reúne-se a eles também. Juntos comandam um exército cada vez maior para enfrentar as forças de Hanish.

Thaddeus, depois de ter ajudado a arquitetar tudo isto, sente algum consolo em ver os príncipes, já adultos, saudáveis e fortes, por fim reunidos. Deixa-os e parte numa missão solitária. Sabe onde se encontrará *A Canção de Elenet*, escondido no palácio de Acácia, e conhece um caminho secreto para lá entrar e ir buscá-lo. Consegue-o e planeia regressar com o livro para o entregar a Aliver, de forma a que o príncipe consiga chamar os Santoth até si. Antes de partir do palácio, encontra Corinn e fala com ela para que esta o acompanhe na fuga.

O que Thaddeus não sabe é que Corinn mudou bastante. Ao contrário dos irmãos, nunca viveu entre os povos do império. Conhece apenas o palácio, a corte, a riqueza e as artimanhas da manipulação astuciosa do poder. Acabou por entregar o coração a Hanish, mas, uma noite, escuta o amante a comunicar com os Tunishnevre. Ouve-o jurar que a matará para os libertar. Esta é a última de muitas desilusões, que a levam a pensar que só pode confiar em si própria.

Thaddeus mostra-lhe *A Canção de Elenet*. Pressentindo o poder que o livro contém, Corinn toma uma decisão. Em vez de fugir com Thaddeus, envenena-o e o conselheiro morre. Esconde o livro e começa a manobrar rapidamente nos bastidores para assegurar o seu próprio poder. Consegue um acordo com a Liga dos Navios, convencendo-os a retirarem-se da guerra que se aproxima, e forma uma aliança com os velhos aliados de Hanish, os numrek, prometendo-lhes o estatuto que Hanish nunca lhes atribuiu. Convence Rialus Neptos, um antigo governador acaciano com uma natureza dúbia, a ajudá-la. Nunca trabalha exatamente contra os irmãos. De facto, o que faz ajuda-os ao afastar a Liga e os numrek como ameaças, mas também não age propriamente em união com eles. Tem os olhos postos em Hanish e prepara cuidadosamente tudo para o atacar, no preciso instante em que estes terminam os preparativos para ressuscitar os Tunishnevre.

Entretanto, o exército de Aliver enfrenta as forças do Mein, lideradas por Maeander, nas planícies a norte de Talay. A batalha dura vários dias, sem que haja vencedores nem derrotados. Maeander solta animais selvagens, chamados antoks, que infligem enorme devastação nas forças rebeldes, mas a ligação de Aliver aos Santoth também o ajudam a proteger a sua causa e os seus.

Então, Maeander vai pessoalmente ao encontro do exército acaciano. Propõe, invocando antigas tradições, combater com Aliver num combate singular. Aliver não consegue resistir a esta oportunidade de acabar com a contenda entre ambos em vez de deixar que tanta gente que ama morra na batalha. Contra a vontade de Mena e de Dariel, aceita o desafio. Durante algum tempo parece estar a vencer o duelo, mas, subitamente, Maeander desfere-lhe um golpe fatal. Aliver morre.

Num momento de fúria, Dariel ordena que os seus soldados ataquem Maeander, quebrando assim o juramento feito antes do duelo. A batalha continua, mais feroz ainda, e as forças do Mein parecem estar a vencer. Ao acordar, na manhã seguinte, que parece anunciar o fim do exército acaciano, Mena e Dariel ficam atónitos ao depararem-se com vultos enormes e sombrios aproximando-se do campo de batalha, vindos do sul. Os vultos adquirem então forma humana, à medida que se aproximam, e revelam-se os magos Santoth. Regressam do exílio, preocupados e furiosos, pois sentiram a morte de Aliver. Sabem agora que o seu castigo não acabará, e, enraivecidos, descarregam a sua fúria contra as forças do Mein. Destroem tudo à sua volta e despedaçam grupos inteiros de soldados com as canções e os feitiços que entoam. Quando os Santoth se retiram para as terras distantes do sul, os acacianos venceram claramente a batalha.

Em Acácia, Corinn lançou de surpresa o seu ataque contra Hanish, usando os seus novos aliados numrek, que introduziu às escondidas no palácio usando o mesmo caminho que Thaddeus percorreu. Estes atacam e matam todos os Mein que encontram pelo caminho, acabando por capturar Hanish. Corinn ordena a sua execução no mesmo altar em que o amante planeava sacrificá-la. É Rialus que o executa.

Quando este primeiro livro acaba, regressou uma certa paz ao Mundo Conhecido. Corinn assume o papel de rainha sem que ninguém a desafie, recebendo os dois irmãos ainda vivos com uma hos-

pitalidade polida, mas algo fria. Parece que a sua visão do futuro poderá ser muito diferente das ideias que Aliver defendia. Além disso, está grávida de um filho de Hanish.



PRÓLOGO

EM LUANA, DURANTE O NONO ANO DO DOMÍNIO DE HANISH MEIN



Deveriam tê-lo levado a ele. Só a ele. Ravi gritava vezes sem conta a mesma coisa. Deu um salto para que o vissem no meio da multidão. Foi passando aos empurrões por entre as outras crianças, agarrando-se aos soldados de capas vermelhas de quem se conseguia aproximar. Estes ignoravam-no ou afastavam-no, colocando-o no seu lugar, ou davam-lhe traulitadas na cabeça ou nos ombros. Ravi não parava de gritar. Estavam a cometer um erro! Ele iria com eles para onde quer que o levassem. Comportar-se-ia bem. Faria tudo o que lhe pedissem, mas Mór não deveria fazer parte daquilo! Os pais só tinham mais aquela filha. Precisavam dela. A mãe não conseguiria viver sem ela. Ouvira-a dizer isto mais do que uma vez.

— Por favor — gritava — deixem-na ir! Deixem-na ir para casa.

Um dos soldados aproximou-se do rapazito. Era mais baixo do que a maioria dos homens, de cintura rotunda, pele curtida e cabelos espetados como cerdas de um roedor. A túnica carmesim estava-lhe apertada na barriga. Agarrou no queixo de Ravi, falou-lhe junto ao rosto e o rapazito sentiu o hálito quente com odor a cebola do homem.

— Vocês pertencem ambos à Quota — disse o soldado num sotaque estranho a Ravi. — Compreendes? Ambos foram oferecidos. Duas ervilhas da mesma vagem, dois cachorros da mesma ninhada. É assim que as coisas são, rapaz. Aceita-as e a tua vida não será assim tão má.

O homem tentou empurrar dali o rapaz. Quando Ravi se pen-

durou no seu braço, o homem rosnou que já se lhe estava a acabar a paciência. Fechou a mão e deu um murro no nariz do miúdo. Por instantes, Ravi só viu escuridão à volta. Quando conseguiu ver novamente, estava a cuspir, atordoado, com os lábios, o queixo e o peito cheios do sangue que espirrara.

— Ravi... — por fim ouviu a voz da irmã. A voz dela era parte da razão por que gritara tanto. Temia ouvi-la. Começou a dirigir-se a outro homem de capa vermelha, mas Mór estendeu-lhe os braços, e, agarrando-o, não o largava. — Por favor, Ravi, para. Isto não ajuda em nada. Só os irritas mais.

Mais irritados?, pensou Ravi. *Mais irritados? O que interessava que se irritassem?* Esteve prestes a invetivá-la com palavras duras, mas a irmã agarrava-se com toda a força a ele e, no fundo, ele também não se queria libertar dela. Sabia que a irmã tinha razão. Era sempre mais calma do que ele. Nunca agia às cegas, ao contrário dele. Na quinta, ela trabalhava todos os dias, devagar mas com determinação. Movimentava-se como uma velha, costumava ele pensar. Porém, conseguia sempre terminar as tarefas antes dele, por mais rápido e forte que Ravi fosse. Mesmo agora, Mór estava muito mais confiante do que o irmão. Perceber isto detinha-o mais do que a força do abraço dela, o cansaço e o seu rosto esmurrado.

— Bem, Ravi, anda — sussurrou-lhe Mór, começando a puxá-lo para se juntar ao enorme grupo de crianças. — É melhor que não te vejam. Eles não irão permitir que me vá embora. Sabes disso, e poderão separar-nos se continuares a chamar a atenção. Não quero ficar sozinha, Ravi.

Nem ele queria. Deixou que a irmã o puxasse para o grupo, esgueirando-se por entre os outros até serem apenas mais duas crianças entre muitas. Agora mais calmo, ele e a irmã pouco se diferenciavam dos outros meninos. Viu algumas caras conhecidas, crianças da aldeia vizinha. Os outros não conhecia, mas, a julgar pela roupa que usavam, pelo comportamento e olhos medrosos, eram muito parecidos com ele e Mór. Eram meninos das quintas, também, dos territórios férteis e isolados a norte das Terras dos Lagos. Tinham-nos reunido perto de uma vila onde ele nunca estivera. Eram como ovelhas levadas ao curral e guardadas por lobos vestidos de vermelho.

Quantas crianças estariam ali? *Centenas*, pensava Ravi. Crianças

com idades entre os sete e os oito anos, algumas mais velhas, como ele e a irmã gémea, de treze anos. Tinham todas um olhar assustado estampado no rosto e murmuravam frequentemente umas com as outras, tentando perceber o que se estava a passar. Muitas tinham os rostos sujos marcados por traços de lágrimas. Eram quase todas muito louras, de complexão pálida e frágil, olhos estreitos e profundos, característica que por vezes fazia rir os estrangeiros, que os viam como um povo passivo e obtuso. Contudo, não eram nem passivos nem obtusos. Viviam numa região tão a norte que muitas vezes passavam despercebidos aos que habitavam o Mundo Conhecido. Isto mudara subitamente, pensava Ravi, compreendendo que a mudança era irrevogável.

Os irmãos sentaram-se com os joelhos encostados um ao outro, como todos os outros meninos. Mór limpou o rosto de Ravi com a manga da túnica, pedindo-lhe que levantasse a cabeça. Ele fê-lo, triste, aceitando as atenções da irmã, mas não a conseguindo olhar nos olhos, como sabia que ela queria que fizesse. Ravi ainda não chorara. Temia que, ao olhá-la, isso lhe provocasse as lágrimas: o rosto dela lembrava-o cruelmente de tudo o que haviam perdido.

Alguns dias antes, o mundo que Ravi conhecia resumia-se aos campos aráveis e às charnecas pantanosas que se espalhavam por quilómetros em redor da sua aldeia, a norte de Luana. A casa da família situava-se no cimo de uma colina rodeada por campos cultivados de batata-doce, vermelha, que era uma das principais produções da região. As casas dos vizinhos mais próximos circundavam o horizonte, espaçadas umas centenas de metros umas das outras. Era uma paisagem solitária, húmida de manhã e fria durante quase todos os dias, fosse qual fosse a estação. Levava uma vida simples, diariamente ocupada com as tarefas que sustentavam modestamente a sua família, constituída por quatro pessoas.

O pai era um homem calmo, de mãos grandes, que coxeava devido a uma ferida da juventude. A mãe tinha dentes absurdamente tortos, que mostrava frequentemente ao rir-se enquanto falava. Sabia que a mãe perdera dois filhos à nascença, antes de ele e Mór terem nascido. Não era invulgar na região. Talvez, no fundo, fosse uma pes-

soa triste, debaixo de todos aqueles risos, mas nunca o demonstrava a Ravi.

Este sonhara muitas vezes em fugir, para fazer algo de mais empolgante na vida: embarcar num navio de comércio, juntar-se aos guardas que ocasionalmente patrulhavam as províncias ou roubar um cavalo aos vizinhos e partir à aventura pelo mundo fora. Por fim, encontrara aventura, mas não da forma que imaginara.

Os homens de capa vermelha haviam chegado a altas horas da noite, a coberto da escuridão, muito antes dos primeiros alvares da madrugada. Ravi ouvira alguém bater à porta. Escutou depois o pai resmungar e a porta chiar ao abrir-se, seguindo-se uma série de murmúrios confusos. Provavelmente seria um dos vizinhos, pensou Ravi, pedindo ajuda para algum incidente noturno. Na quinta situada para lá dos pântanos houvera problemas com ladrões de ovelhas. Talvez estivessem a organizar uma perseguição aos gatunos.

— Ravi — murmurou Mór, deitada na cama do outro lado do quarto. — Quem é?

Ele mandou-a calar-se. Começara a sair dos lençóis, pensando ir em bicos de pés escutar através da frincha da porta, mas não conseguiu fazer mais nada a não ser pegar na ponta da roupa da cama.

Ouviu-se um grito vindo da sala principal, o som de qualquer coisa — uma cadeira, pensou — atirada ao chão, um arrastar de pés no chão de terra batida. Sentiu-se gelar de medo. Outro grito e pragas sussurradas, depois ruídos que não conseguiu identificar inicialmente e que depois percebeu: o som de alguém que estava a ser agredido a murros. De um salto saiu da cama. A luz que vinha pela ombreira da porta estremeceu, dançou e tornou-se mais forte. Ravi fitava essa luz fixamente, enquanto ouvia a respiração ofegante da irmã.

Alguém com pesadas botas deu um pontapé na porta do quarto, escancarando-a. O aposento ficou subitamente iluminado por tochas que espalhavam uma luz cruel pela sua intensidade. À luz do fogo distinguiam-se vultos de homens corpulentos, vestidos com trajos carmesins. O primeiro caminhou a passos largos, dirigindo-se a Ravi, e agarrou-o pelo pescoço. Debruçou-se para o rapaz, observando-o, com a tocha tão perto que o seu rosto parecia retalhado e distorcido em luz e sombra. Um segundo vulto dirigiu-se a Mór. Foi mais gentil. Pegou com um dedo no queixo da menina e virou-lhe o rosto para que o outro homem a pudesse ver.

— Sim — concordou o homem, olhando para ambas as crianças — são dois lados da mesma moeda. Vocês os dois são um, juntos no útero, unidos no destino. Os vossos homens do conselho disseram-nos a verdade. Vamos. De pé, os dois. Não vos faremos mal, se vierem a bem.

Falava como se tudo fosse tão natural, de modo tão casualmente intimidante, que, antes de perceber o que fazia, Ravi já estava a pé. Ele e Mór foram então empurrados para a sala principal. O que Ravi ali viu guardou apenas em fragmentos na sua memória, imagens separadas captadas entre solavancos e empurrões. Viu a mãe, de boca aberta, com os dentes que pareciam as presas de um lobo ou de um urso. Percorreu rapidamente a sala com o olhar procurando o pai. Não o viu. Depois reparou em vários homens junto ao fogão, movendo braços e pernas como se fossem um só monstro. Não conseguiu ver o pai por entre toda aquela confusão, mas sabia que ele estava no meio daquilo tudo.

Empurraram Ravi com brutalidade para a saída. Embateu com os pés na soleira da porta e caiu no meio da noite. Caiu com força sobre os braços, rebolou no chão e teve um momento de clareza de pensamento enquanto via as figuras correr atrás dele. Capas vermelhas. Usavam capas vermelhas! Isso significava que ele e Mór iriam ser levados pelos comedores de homens! Os rapazes mais velhos contavam histórias assim, dizendo que, de tempos a tempos, o rei que vivia no sul enviava caçadores por toda a Candovia à procura de crianças que o seu deus gostava de devorar. Ravi nunca acreditara naquilo. Jamais acontecera na sua curta vida, e ele sabia que os rapazes mais velhos eram cruéis e mentirosos. Porém, agora, via um homem que o segurava; o pai imobilizado por uma massa de braços, a mãe tinha o rosto em lágrimas; a irmã chorava por alguma coisa que lhe tinham feito.

Sentiu a fúria invadi-lo instantaneamente, como óleo deitado ao lume. Deu um pontapé de raspão na canela do homem que o segurava. Isto enfureceu-o ainda mais e Ravi voltou a dar mais pontapés, esperneando energicamente no chão de terra batida. O homem praguejou e deu um salto, recuando, mas depois voltou a avançar, pondo todo o seu peso na biqueira da bota. Ravi tentou encaixar o golpe e desequilibrar o homem, mas a bota soltou-se e surgiu de novo. Num instante outras botas se lhe juntaram.

Foi a primeira vez que o espancaram até ele perder a consciên-

cia. Devido a ter ficado sem sentidos, Ravi não se recordava de como os tinham atirado para uma carroça que aguardava na estrada. Não ouviu os gritos da mãe nem a viu aparecer à porta, agarrada e logo afastada por um soldado. Nem Mór nunca lhe contou nada disto. Contudo, sabia, no seu íntimo, o que se passara. Sabia tão bem como se a irmã lhe tivesse emprestado os ouvidos e os olhos.

Dois dias depois de o soldado lhe ter partido o nariz — dois dias de viagem, de sovas, de noites sem dormir e dias monótonos — as crianças foram reunidas a outros grupos de aldeias vizinhas perto da costa. Muitas delas tinham-se reunido nas vilas costeiras para celebrar o regresso da primavera. Talvez isso fosse a razão por que tinham conseguido reunir um grupo tão grande de crianças. Ravi não sabia como lidavam os soldados de capas vermelhas com os pais dos outros meninos. Não conseguiriam bater em todos, pois não? Talvez fosse por isso que faziam andar as crianças tão depressa. Talvez, mas Ravi também pressentia que haveria algo mais do que aquilo. Por vezes sentia o cheiro pungente da bruma trazida pela brisa que vinha das vilas que contornavam. Sentia-o como se fosse uma punhalada de melancolia vinda de ruínas a arder. Porém, as vilas não estavam a arder; não, pelo menos de um modo que se pudesse ver.

Nenhuma das crianças compreendia o que se passava. Sim, todas conheciam histórias sobre os homens de capas vermelhas, sobre os desaparecimentos, mas os relatos eram muito diferentes daquela realidade. Haviam ouvido falar do desaparecimento de uma ou duas crianças, que ocorria de poucos em poucos anos. Não mais. Dizia-se sempre que tinham sido crianças muito novas a serem levadas, nunca com a idade de Ravi e Mór. Fosse o que fosse que estivesse a acontecer agora, era algo pior do que todos os pesadelos com que os rapazes mais velhos tentavam amedrontar os mais novos.

Caminharam desde manhã até ao anoitecer. Ao cair da noite, começaram a descer pelas arribas junto ao mar e avistaram pela primeira vez os grandes navios da Liga. Era difícil medir a sua dimensão. Primeiro, Ravi pensou que não eram assim tão impressionantes, mas depois percebeu que se encontravam ainda bastante longe.

Eram, possivelmente, enormes construções maciças. Estavam ancorados numa imensa vastidão cintilante e azul. Os gémeos caminhavam de mãos dadas à frente da coluna de crianças. Ravi sentia a erva alta bater-lhe nas pernas e pensou que tinha sorte em seguir à frente do grupo em vez de seguir lá atrás, onde a erva já teria sido pisada e não a poderia sentir de encontro ao corpo. Então pensou que estava a ser antipático ou tonto ou ambas as coisas. Isto não é possível, pensava. Não é possível. Porém, continuavam a avançar e o mundo recusava-se a ouvir os seus queixumes.

Ravi apertou a mão da irmã com mais força e observou os navios.

Nessa noite, dormiram numa estreita faixa de areia rodeada por rochedos meio desmoronados e guardados por vigias. Algumas das crianças tinham medo do mar e choravam. Ravi queria gritar-lhes que se calassem, mas sabia que isso seria cruel. Não queria ser cruel. Seria tornar ainda pior a situação para os outros, tão inocentes quanto ele. Estava furioso e não queria abandonar a raiva que sentia nem que esta desse lugar ao medo ou à docilidade. Queria fazer qualquer coisa com aquela raiva.

— Jura-me que nunca deixarás de lhes resistir — pediu à irmã. Eram as primeiras palavras que proferia desde há algum tempo. Não olhou para a irmã e manteve o olhar vago. Passava as mãos sobre a areia húmida, sentindo-lhe a textura com os dedos.

Quando viu que Mór não respondia, Ravi encarou-a, observando-a à luz amarelada das fogueiras em volta do acampamento. Agarrou-a pelos pulsos com força, propositadamente para a magoar.

— Não desistas. Jura que não.

Mór tinha um ar extremamente infeliz.

— Ravi, o que posso fazer? Tu estás a vê-los.

Aproximou o rosto do dela.

— Jura-me! Não te entregues a eles. Não!

Ela recomeçou a protestar, argumentando que teria de obedecer, aludindo ao que lhe fariam se ela não o fizesse. Ravi interrompeu-a com brusquidão.

— Não me estás a ouvir — protestou ele. — O que quero dizer é que não acredites nunca que és uma escrava, seja o que for que te fizerem. Os das capas vermelhas dizem que agora pertencemos a outros. Dizem que não somos senhores de nós mesmos e que não temos pais.

Mas são mentirosos. É isso que te estou a dizer para não esqueceres. Acreditas que são mentirosos?

Ele aguardou até Mór concordar e depois prosseguiu.

— Não te esqueças disso. Não permitas que eles transformem as suas mentiras em verdades. Nunca te esqueças de que és a Mór, irmã de Ravi, filha dos nossos pais. Promete-me isto.

Ela prometeu e ele por fim largou-lhe os pulsos.

— Porque dizes essas coisas? — perguntou Mór. — Ages como se estivéssemos separados, mas não estamos. Cala-te e não chames a atenção e deixar-nos-ão um com o outro.

Ravi nada disse e ficou satisfeito por ela não o ter feito jurar, tal como ele fizera.

A meio da noite, decidiu o que faria. Seria o oposto de não chamar a atenção. Mór não o compreenderia, mas, se conseguisse o que pensava que conseguiria, a irmã viria a entender mais tarde. Não sabia exatamente como o faria, mas resolveu tentar. Sentia que reconheceria o momento quando este se apresentasse.

As barças que se aproximavam da costa para transportar as crianças, na manhã seguinte, eram as maiores estruturas feitas pelo homem que Ravi já vira, para além dos navios da Liga. Tratava-se de uma espécie de jangadas retangulares, que se encontravam alinhadas ao longo da costa, tão pesadas que pareciam achatar o mar sob os cascos. Eram construídas num material de um tom cinzento ardósia que parecia captar a luz do sol nascente. Ravi não percebia o que as fazia mover, mas algo as impulsionava, lenta e inexoravelmente. Havia pessoas a bordo. Não muitas, e as embarcações não estavam suficientemente perto para se poderem distinguir pormenores. Porém, numa das barças mais próximas viam-se cinco figuras de pé sobre uma plataforma erguida. Permaneciam imóveis, de início nada mais eram do que silhuetas, mas Ravi tinha a certeza de que olhavam diretamente para ele.

As crianças na praia contemplavam todo o cenário como se aquelas embarcações silenciosas e os que estavam a bordo fossem a coisa mais terrível que já tinham visto. Começaram a murmurar umas com as outras. Um menino perto dos gémeos disse:

— Isto é feitiçaria. — Ninguém o contradisse.

— Não façam xixi nas calças! — disse um dos soldados ali perto, rindo-se. — Olhem só para vocês! Parecem peixes de boca aberta!

Um outro acrescentou uma observação sobre o cheiro a cuecas sujas. Um outro ainda — um pouco mais afastado e avançando de braços estendidos para empurrar as crianças — disse uma piada sobre os cepos que se aproximavam.

— Porque fazem isto? — perguntou Ravi em voz alta. — Porque nos assustam mais ainda?

A irmã, apertando-lhe a mão, não respondeu.

As barças estavam cada vez mais perto. As figuras de pé sobre a plataforma erguida distinguiam-se melhor agora. Usavam capas com capuz do mesmo tom cinzento e mortiço dos navios. A espuma causada pelo movimento das barças espalhou-se até à areia, molhando os pés das crianças. Estas recuaram, sentindo a pressão dos outros atrás deles e começaram a entrar em pânico, que rapidamente alastrou. No meio da confusão crescente, Ravi ouvia os soldados a dizer ainda mais piadas. Sabiam que aquilo aconteceria. Estavam a divertir-se!

Percebendo isso soltou um grito.

— Não somos escravos! — Sem saber bem o que fazia largou a mão da irmã. Girou em volta, gritando sobre as cabeças de todas as crianças, a maioria muito pequenas, a toda a volta. — Ouvem-me? Não somos escravos!

Devem-no ter ouvido, pois muitos rostos se voltaram para ele — caras rechonchudas, outras magras, sujas e de olhos fundos nas órbitas. Nos olhos deles julgou ver uma raiva surda que dizia que concordavam. Pensou que poderia incutir-lhes essa certeza.

— Lá porque eles dizem que somos escravos, não quer dizer que seja verdade. Não somos escravos por eles o dizerem! — Falava cada vez com mais determinação. Pediu-lhes para olharem em volta. Para verem quantos eram. Eram centenas. Na praia, havia milhares deles! Os soldados eram poucos! Como poderiam escravizar tanta gente?

Respondeu ele próprio à pergunta:

— Porque nós os deixamos!

Os soldados repararam naquilo. Gritaram uns para os outros, berraram-lhe ordens. Viu dois homens correrem para ele vindos de direções diferentes. O mais próximo parecia um touro, de ombros

enormes e musculados como se a fúria que o animava convergisse toda para aquele ponto do corpo.

Ravi agarrou em Mór e puxou-a, esgueirando-se ambos, ágeis como peixes. Fugiu por entre a multidão, repetindo vezes sem conta que não eram escravos. Gritou aos companheiros para lutarem, correrem, para fazerem qualquer coisa, mas para não desistirem. Não sabia se o compreendiam verdadeiramente ou se o pânico e o caos se tinham instalado definitivamente entre eles, mas as crianças empurravam-se e corriam agora em todas as direções. Davam murros nos homens que as agarravam e libertavam-se. Um grupo enorme de miúdos passou sobre um homem caído, pisado por muitos pés pequeninos enquanto corriam pela praia.

Para a liberdade, pensava Ravi. Sabia que Mór lhe implorava que fugisse também, mas não lhe dava importância. Agarrava-a bem pelo pulso e fazia o que tinha a fazer. Estava a mudar tudo.

— Não nos podem fazer parar a todos! Corram para as vossas casas!

Acabava de dar mais uma volta, de boca aberta, pronto a fugir, caso um soldado se aproximasse. Pensava que estaria na altura de se juntar aos outros que tinham já fugido pela praia fora. Era o que Mór queria, tinha a certeza, e iriam fazê-lo agora.

Virou-se precisamente a tempo de levar com um bastão na testa, que um soldado lhe atirara. O homem arremessara-o de uma certa distância mas com tremenda exatidão. Este embateu na cabeça de Ravi e fê-lo virar os olhos para o céu carregado de nuvens. De súbito, deixou de sentir as pernas. Caiu de tal forma que a cabeça foi a primeira parte do corpo a embater na areia dura. Ficou tonto, sem respiração, com um braço levantado e a mão, que até ali agarrava Mór, vazia.

Então, alguém o agarrou pelo pulso e um vulto obstruiu o céu. Era um soldado, que levantou Ravi, fazendo-o girar no ar, e, depois, o atirou de cara para o chão. Pressionou o joelho contra as costas do rapazito, com todo o peso do corpo. O rapaz abriu muito a boca enquanto exalava todo o ar que tinha em si. Tentou respirar, mas o homem exercia tanta força sobre ele que parecia querer pregá-lo ao chão com o joelho.

— O que fazemos com ele? — inquiriu este.

— Acaba com o miúdo — respondeu um outro soldado, com voz muito calma. — É um desperdício, mas ainda temos a irmã. Os números baterão certos de qualquer forma.

Então Ravi, na posição em que se encontrava, de cabeça virada para um lado sobre a areia húmida, os pulmões oprimidos pela força do homem e os olhos marejados de lágrimas, vislumbrou uma faca. A seguir à faca, viu a irmã, olhando para ele, de rosto desolado, pesarosa. Um soldado agarrava-a pelo ombro, embora fosse notório que ela não oferecia resistência. Ravi quis dizer-lhe para não olhar, mas não conseguiu. Não teve de o fazer também. Qualquer coisa chamou a atenção de Mór, alguém que Ravi não conseguia ver, mas para quem ela olhava, sem que a sua angústia diminuísse.

— Espera — proferiu uma outra voz. Ravi não sabia quem era, mas, fosse quem fosse, falava num tom de grande autoridade. Era uma voz estranha, com inflexões cortantes, apesar de proferir as palavras sem pressa.

A lâmina estava por cima dele, aguardando.

— Ele tem o espírito, a garra de um vencedor da morte — proferiu a voz. — Quem assim falou interrompeu-se por alguns instantes. — Tem mais espírito do que a maioria deles. Vejo outro uso para ele. Creio que os Auldek gostarão deste.



LIVRO UM

AS ENCOSTAS CINZENTAS



CAPÍTULO

UM



Quando o vigia da tribo dos Balbara deu o alarme, a princesa Mena Akaran levantou-se imediatamente da cadeira de campanha onde se encontrava. Saiu do círculo em que estivera sentada com os seus oficiais e subiu, numa correria, ao cume do monte. Aproximou-se do jovem de olhar penetrante que ali se encontrava, fixando o ponto no centro dos territórios de Talay para onde ele apontava com o dedo. Bastou-lhe uns instantes para perceber o que o homem vira. Mesmo então, nem foi a criatura em si nem o grupo que a perseguia que ela viu. Estavam demasiado longe. O que assinalava o seu progresso eram as ondas de fumo das tochas que os corredores traziam na mão — isso e a mancha amarelada no horizonte formada pela poeira que levantavam com os pés. Pareciam estar muito distantes, mas a princesa sabia que se aproximariam rapidamente.

Desatou a correr pela encosta arenosa abaixo e reuniu-se aos oficiais. Designou então um capitão, Melio Sharratt, para o farol mais longe, a sul; a outro, Kelis de Umae, mandou-o seguir para o farol a norte. Já sabiam o que fazer, disse-lhes. Era só questão de realizar a tarefa perfeitamente a tempo, sincronizada, e de terem a sorte do seu lado. Deixou ao cargo deles reunir os outros em posição de ataque e lembrou-os das instruções a seguir, mas, antes de os mandar para os seus postos, pediu-lhes que agissem com cautela.

— Estão a ouvir-me? — perguntou, inclinando-se para o pequeno grupo. Agarrou Melio pelo pulso para o lembrar disto, mas não o olhou no rosto. Sabia que o marido manteria o seu sorriso cons-

ACÁCIA

tante, temerário, corajoso perante o perigo que vinha da planície na sua direção. Chegara a chefe da Elite, mas o cargo que ocupava nada alterara nele. Continuava a ter o cabelo comprido, cujas madeixas lhe caíam soltas sobre um dos olhos e que ele afastava muitas vezes apenas para voltar a cair. Tinham casado havia cinco anos. Ela nunca escondera o seu amor por ele de ninguém, mas também não deixaria que isso a distraísse num momento como este. Falou como se estivesse a dirigir-se a todo o grupo, como, no fundo, estava:

— Não quero que ninguém morra. Só aquela aberração é que morre hoje — disse ela.

— Essas palavras vindas de ti? — perguntou Melio. — Também as respeitarás ou será como da última vez, com aquele...

Mena falou como se o não tivesse ouvido.

— Mais ninguém. A ordem é para cada um de vós pessoalmente. Já perdemos muita gente.

Mena fitou Kelis. O talayano mantinha-se tão calmo como sempre, a pele escura e macia, o olhar distante. Era um rosto que ela aprendera a amar. De uma estranha maneira, este talayano era a memória viva do irmão mais velho. Aliver crescera e tornara-se adulto com ele. Kelis conhecera Aliver durante os anos em que ela estivera separada dele. Mesmo agora, depois de todas as noites que tinham passado juntos a falar sobre como fora o irmão nessa altura, Mena ainda não sentia que tivessem conversado o bastante. Esperava ter ainda muito mais conversas noturnas com ele.

Fez questão de não olhar Melio nos olhos quando ele partiu. Se voltassem a estar juntos, unidos, no final do dia, demonstrar-lhe-ia com todo o corpo o amor que sentia por ele. Era assim que as coisas se passavam entre eles ultimamente: distantes quando enfrentavam o perigo, arrebatados um pelo outro no pouco tempo que tinham depois de tudo acalmar.

A meia hora seguinte passou-se num rodopio de preparativos. Mena, esguia e musculada, tão queimada do sol como estivera durante a guerra contra Hanish Mein, movimentava-se, ágil, por entre os soldados, gritando instruções, verificando tudo pessoalmente. Usava ainda a espada com que nadara até à costa de Vumu, quando menina, embora estivesse agora muito diferente do que fora nessa altura. Só quem não tivesse olhos não veria que a sua figura esbelta possuía agora uma energia vital endurecida pelas perdas que sofrera, pela guerra,

e por uma luta íntima com os dons mortais que pareciam definir-lhe o carácter. No seu íntimo existia amor, também, mas mantinha esse sentimento à rédea curta. Era uma doçura difícil de ver por entre a violência furiosa de Maeben, de que tantas vezes tinha de depender. Se tivesse tempo e tranquilidade, teria preferido ficar-se pelos aspetos mais meigos da sua natureza e voltar a conhecê-los melhor, mas a paz que se seguira ao fim da guerra com Hanish Mein dificilmente lho permitira. Talvez, quando esta missão terminasse, pudesse, por fim, pousar a espada e descansar.

Parou para respirar apenas quando todos os preparativos estavam terminados. Subiu novamente ao cimo do monte e ficou aí com o vigia. Os territórios crestados de Talay espriavam-se à sua frente, os quilómetros intermináveis ardendo sob um perfeito céu azul. Observava a criatura que se aproximava, ganhando forma à medida que a distância encurtava, e a poeira levantada pelos perseguidores que a empurravam para a armadilha que Mena lhe preparara.

Não era a primeira vez que enfrentava uma daquelas aberrações. Andava há quatro anos a persegui-las. Vira oito delas serem mortas, mas também perdera centenas de soldados durante o processo. Era sempre diferente. Cada uma das criaturas possuía uma ferocidade própria e tinham de lidar com isso de acordo com a situação. Cada armadilha que montavam era uma construção muito elaborada que, se falhasse, teria de ser abandonada para se voltar a preparar tudo para uma nova oportunidade.

Tudo começara não muito depois de os Santoth terem lançado a sua magia perversa sobre o exército do Mein. Ninguém sabia dizer ao certo como aquelas aberrações da natureza haviam surgido, mas tinham qualquer coisa a ver com os vestígios da canção entoada pelos Santoth que teriam recaído sobre os animais próximos. Sons mágicos, sim, mas adulterados, que tinham permanecido a pairar no ar até tombarem sobre a terra e atingirem algum ser. Na maior parte dos casos, os animais ficaram tão corrompidos ao serem tocados pela língua do Doador que tinham morrido: aleijados, deformados, queimados, feridos e despedaçados. Muitos ficaram com partes do corpo aprisionadas no tecido do mundo em que existiam e misturaram-se com outros objetos, mesclando-se com árvores, presos às rochas ou meio submersos na terra. As suas carcaças estavam espalhadas por toda a parte, constituindo um festim para os abutres.

ACÁCIA

De início pensara-se que todos os animais tocados pela feitiçaria morreriam. E como muitos seres humanos tinham sido atingidos, muitos destes eram empurrados impiedosamente desta vida para a outra. Ninguém queria ver os seres que amara afetados pela corrupção que os atingira. Os povos de Talay, especialmente, haviam sempre contado histórias sobre os estragos duradouros deixados pelos furiosos Santoth, durante a sua primeira caminhada para o exílio. Encarregavam-se de os matar para terem a certeza de que o seu povo não seria contaminado.

Contudo, grande parte da tragédia abatera-se sobre o povo do Mein, visto essas populações terem sido o alvo principal da fúria dos feiticeiros. Como derrotados, não tinham escolha quanto ao seu destino. Os que mostravam sinais da contaminação foram mortos, abatidos como animais doentes de um rebanho. A rainha Corinn dera ordens firmes sobre esta questão e, desde os primeiros dias do seu reinado, poucos lhe haviam desobedecido — pelo menos não abertamente.

Dariel poderia ter feito valer os seus direitos como herdeiro varão do trono, mas não o fizera. Um ano depois de Corinn ter espalhado as cinzas do pai e ascendido ao trono de Acácia, a soberana dera à luz o herdeiro da nação. Pouco tempo a seguir ao nascimento da criança, começaram a receber relatórios preocupantes. De início Corinn recusara-se a acreditar nos relatos, vendo-os como pesadelos de uma população assustada e exausta pela guerra. Os antoks, aqueles terríveis animais selvagens, tinham espalhado todo o tipo de medos no espírito das pessoas, explicara Corinn, e o estranho aparecimento dos Santoth despertara velhas superstições. Pela primeira vez em vinte e duas gerações, havia-se praticado magia no mundo. Era óbvio que as pessoas tremiam de medo, à noite, enquanto congeminavam histórias de monstros horríveis que os assombravam. O tempo tudo sararia, dizia Corinn. Todos viriam a ter sossego novamente e a ordem natural do mundo voltaria a tecer a criação nas suas apertadas e perfeitas malhas.

Porém, os relatos não se desvaneceram com o passar do tempo. Os avistamentos, esporádicos nos primeiros anos, eram cada vez mais frequentes e as testemunhas mais fiáveis. O que contavam diferia nos pormenores, mas o que descreviam deixara Mena arrepiada. Nas colinas perto de Halaly, um rebanho de monstros semelhantes a

cabras deixara um rasto de devastação. As pessoas diziam que pareciam cabras, mas, na verdade, apenas a cabeça se assemelhava vagamente a esses animais. Tinham o corpo atarracado e vários membros deformados espalhados em zonas do corpo ao acaso, parecendo mais aranhas do que mamíferos. Eram do tamanho de elefantes e insaciáveis. Felizmente, comiam apenas vegetação e eram quase tão fáceis de matar como ruminantes domesticados.

Porém, existiam outras aberrações, com gostos diferentes e não tão fáceis de aniquilar.

Os Bethuni espalhavam histórias de serpentes de muitas patas que tanto deslizavam sobre o solo como conseguiam correr. De início as pessoas achavam-nas divertidas, até terem crescido a uma proporção que as assustou, levando-as a agir. Falava-se de um leão que tinha uma fileira de olhos azuis no dorso, de animais semelhantes a cães, mas tão grandes que poriam um larix a fugir de medo, de abutres tão transformados pelo que tinham comido que muitos já não conseguiam voar. Caminhavam pelos campos, gingões, de enormes bicos pendentes para o chão.

As pessoas começaram a compreender que os Santoth haviam afinal transformado aqueles seres em monstruosidades, em vez de os terem morto. Era a estes seres que o povo chamava as aberrações. Quando Corinn percebeu que aqueles monstros de facto existiam, ordenou que os perseguissem e matassem. Encarregou Mena dessa missão, pondo-lhe à disposição um pequeno exército e apresentando-lhe a tarefa a cumprir como uma outra forma de a irmã mais nova poder talhar o seu nome no panteão dos grandes feitos dos Akaran.

Mena desconfiava que Corinn a pretendia ocupada e longe dos assuntos do império. Porém, não conseguia ordenar o desconforto que sentia de modo a poder decidir o que fazer. Assim, Mena preparou-se para dar caça aos monstros. Afinal de contas, os bichos eram reais, e quem melhor do que a deusa Maeben na terra para lhes fazer frente? Partiu com o seu exército para Talay, desde as zonas costeiras, pelas planícies e desertos, subindo colinas e picos de enormes montanhas, através de pântanos e chegando mesmo ao grande rio que marcava a fronteira com as regiões mais longínquas do sul. Não atravessou o leito seco. Não sentia vontade alguma de voltar a acordar os Santoth. Ninguém o desejava, aliás.

Tanto quanto possível, enfrentava as criaturas uma de cada vez.

ACÁCIA

Lutava com a ajuda dos habitantes do território a que a perseguição ao monstro a levava. Com o auxílio de caçadores Bethuni acendera as enormes fogueiras que consumiram os bandos de serpentes de mil patas, répteis que tinham crescido o suficiente para engolirem cães, ovelhas e crianças inteiros. Os guerreiros Balbara marchavam a seu lado enquanto limpavam as terras de abutres, tão gordos que já não conseguiam usar as asas e voar. Com os corredores talayanos perseguira o leão de olhos azuis através da planície, até o animal ficar exausto e ela própria o matar cravando-lhe no corpo uma longa lança. Era a isso que Melio se referira antes. Apesar de exausto e arquejante, o leão dera ainda luta feroz, rugindo, com a enorme bocarra aberta, mostrando as presas afiadas que pareciam cimitarras.

Mena arriscara a vida para o matar. Não seria necessário ter sido ela a fazê-lo, mas, por vezes, não conseguia controlar o impulso para matar que sentia. Por vezes precisava de oferecer a sua vida pela vida que tirava, só para ver se não seria a sua própria vez. Algures, no seu espírito, tinha a ideia de que as muitas vidas que tirara lhe viriam cobrar a sua, um dia; que lhe pediriam contas para equilibrar a balança e ela não fugia a isto. De facto, por vezes, queria acolher a morte e aceitar fosse o que fosse que os espíritos tivessem para si. Até ali, nada lhe tinham dado. Nove anos haviam passado desde que a nova forma de violência a que Corinn chamava paz tivera início. Mena poderia ter morrido tantas vezes e, contudo, raramente sofrera mais do que pequenos ferimentos, arranhões ou articulações deslocadas. Talvez o Doador a estivesse a poupar para qualquer coisa. Talvez, mas, se assim era, por que razão estaria o deus tão silencioso, tão misteriosamente ausente?

Aquilo que perseguiram agora — e que tinham adiado o maior tempo possível — era o terceiro dos últimos dos gigantes. Sabia que existiam ainda mais dois, embora não quisesse pensar neles agora. Estava mais do que ocupada. Ao observar o mostrengo a aproximar-se invadiu-a um medo como nunca sentira. O que a atormentava não se tratava apenas da força bruta; era a mutação da ordem natural das coisas, a possibilidade de os monstros existirem ou de poderem vir a existir e infernizar a existência humana. Afligia-a também o facto de aquilo ser obra dos próprios feiticeiros que, por duas vezes ao longo da história, tinham garantido o trono à sua família. Por isso, achava que devia ao mundo acabar com todas aquelas aberrações de uma vez por todas.

O bicho que rugia na sua direção, impulsionado para a armadilha pelos corredores talayanos que o perseguiram com tochas acesas, era um monstro seguido por centenas de outras criaturas. Estes últimos não eram aberrações, os talayanos chamavam-lhes *tentens*, primatas de longo focinho e dentes de carnívoro. Eram ferozes e perigosos e há muito que habitavam aquelas planícies. Corriam a quatro patas e tanto ficavam satisfeitos por comer nozes que encontravam no chão como por caçar pequenos macacos e roedores. Não constituíam perigo para os seres humanos quando sozinhos, mas, em bando, eram temíveis.

O enorme animal que seguiam corria a duas patas, gingando de um lado para o outro de modo quase humano e mais grotesco ainda devido a essa semelhança. De vez em quando, corrigia o equilíbrio e exprimia a sua irritação batendo no chão com toda a força das patorras encarquilhadas da frente. Era peludo, com uma grande juba de um castanho avermelhado, um focinho ocre e azulado e olhos de predador virados para a frente. Era três vezes maior do que um homem. Do alto da cabeça saíam dois chifres circulares do tamanho de um homem. Estes chifres eram a única característica com alguma beleza no animal, de tão perfeitos que eram. Belos sim, mas não quando lhe serviam para atacar na corrida louca em que estava empenhado, urrando e aproximando-se cada vez mais. Provavelmente, o bicho fora antes um *tenten* — o que explicava porque o grupo dos bichos mais pequenos o seguia. Dizia-se que teria comido o cadáver corrompido de um animal chifrudo, e que por isso lhe tinham também crescido cornos. Contudo, fora um monstro criado, não pertencia à ordem natural do mundo e teriam de o abater.

Melio e Kelis estavam agora nos seus postos. Anteriormente tinham colocado várias pilhas de lenha numa espécie de semicírculo afunilado de modo a encurralar a aberração. Assim que este passou a primeira pilha, atearam fogo. Este começou logo a arder, largando fagulhas e fumo negro. Os corredores pressionavam a criatura, tão perto agora que Mena ouvia os gritos que soltavam constantemente para causar ainda mais confusão ao atordoadado bicho. Ela sabia que Melio e Kelis se juntariam aos perseguidores, de tocha na mão, juntando as suas vozes à algazarra. As fogueiras iam sendo acesas umas a seguir às outras. Cada explosão estreitava o caminho que o animal percorria e que o encaminhava para Mena e

ACÁCIA

o grupo de cinquenta besteiros que comandava, cada um deles com um auxiliar atrás de si.

— Preparem-se! — gritou ela num tom o mais firme e confiante possível.

Os besteiros dispuseram-se numa formação em U. Moviam-se a pouco e pouco, vagarosamente, como se não estivessem a ver o animal que corria na sua direção. Caminhavam com as armas junto ao corpo, sobre os ombros e em redor da cintura. As bestas eram pesadas e estavam preparadas para um único tiro fatal. Seria difícil um segundo tiro, visto que as armas tinham de ser recarregadas com uma nova seta, o que levava algum tempo. Ao fundo da formação em U, os homens, dois a dois, estavam posicionados atrás de anéis metálicos presos à terra por longas varas.

Foi nessa altura que a aberração e o seu rebanho de criaturas chegou, de pelo sujo e rugindo com todas as suas presas e fúria. O monstro estava enraivecido. Pulava e esperneava, batendo com força no solo, arrancando torrões de terra seca e atirando-os ao ar. Arreganhava as presas disformes, de boca escancarada virada para o céu. Os seus olhos amarelados expeliam raiva como se esta fosse pura força física. De pé sobre as patas traseiras, abriu os braços e bateu no peito. À sua volta centenas de *tentens* imitaram-no. Era extremamente difícil enfrentar com calma o rebuliço e a algazarra infernal que os animais, tão próximos agora do local onde Mena se encontrava, causavam.

Porém, Mena fez um esforço para se tranquilizar. Deixou-os avançar, permitindo que os monstros chegassem todos ao lugar e pedindo aos soldados para se manterem calmos antes de agir. Agora que os bichos estavam todos no interior da formação em U, os besteiros das pontas fecharam lentamente o círculo, dentro do qual se fechavam os animais, cercando-os. Os homens posicionaram-se em redor dos anéis presos à terra. Os corredores e os restantes guerreiros colocaram-se em redor do círculo dos soldados, engrossando as fileiras. Só quando todos se encontravam nos seus postos é que Mena ergueu um braço. Estava quase na altura e, se todos fizessem como planeado, tudo acabaria...

Aconteceu antes de ela ter qualquer hipótese de o evitar. Um dos besteiros atirou antes de tempo. A seta partiu célere, solta com toda a força da corda retesada. O impulso com que foi atirada quase

fez o besteiro tombar, não fora o auxiliar agarrá-lo pela cintura e fincar bem os pés na terra. A seta assobiou veloz no ar, levando a corda presa, e foi cravar-se no peito da aberração, mas não muito fundo. O impacto fez o animal cair de costas, numa confusão de membros e cornos. Mas conseguiu levantar-se E imobilizou-se uns instantes, confuso e ofegante, com os *tenten* correndo em redor. A maior parte ainda uivava e arreganhava os dentes, mas alguns dos animais mais pequenos jaziam no chão, esmagados pelo peso do monstro que caíra sobre eles.

A aberração agarrou na seta cravada e arrancou-a do peito. As farpas rasgaram-lhe a carne mas, se sentiu dor, não o demonstrou. Fitou a seta como se fosse algo vivo que ainda lhe pudesse fazer mal, depois olhou para a corda que a ligava ao besteiro. Com um rugido, puxou os dois homens para si, fazendo-os cair e arrastando-os de barriga por entre os *tentens* enraivecidos.

Que loucos!, pensou Mena. Tinham-se esquecido do que deveriam ter feito. Quem eram aqueles dois? Agiu então por puro instinto, rapidamente. Começou a correr, empunhando a espada Marah, aos gritos, esperando atrair a atenção do monstro. Ao aproximar-se do primeiro dos *tentens*, girou a espada em círculos largos que rasgava pelo, pele e osso, cortando os animais aos bocados. Estes recuaram, rosnando e arreganhando os dentes. Ela abriu o seu caminho até junto dos homens que tinham caído. Encontrou-os a contorcerem-se e a gritar, no meio de um bando de *tentens* que os mordiam e arranhavam. Os animais não deram por ela até Mena ter decepado a cabeça a dois, cortado patas a mais ainda, cravando a espada nos crânios e esventrando outros, atingindo os dois homens com um jorro de sangue.

Um grupo de soldados correu a ajudá-la. Ela ergueu a mão e mandou-os parar.

— Não! — gritou. Sabia que, se continuassem, romperiam a formação. Deixaria de haver ordem e eles não conseguiriam levar o plano avante. O caos instalar-se-ia e morreria muita gente. — Não!

Os soldados estacaram, tropeçando uns nos outros, atónitos e sem saber o que fazer até a princesa os mandar recuar. Acabara de fazer isto quando outro *tenten* saltou sobre ela. Mena agachou-se e cortou-lhe uma pata.

— Vá lá! — sibilou. — Saiam daí! — Bateu com a mão livre no

besteiro e pôs-se em pé. Com a mesma mão agarrou na espada mais curta.

A aberração estava a uns trinta passos de distância. Parara e observava-a. Por instantes pareceu uma estátua ereta no meio de um turbilhão. Mena vislumbrou como que uma curiosidade inteligente no focinho do monstro. Parecia que erguia ligeiramente o sobrolho, os cantos da boca retorcidos num esgar. Não reparara ainda nas patas que pareciam tão humanas, de longos dedos delicados, enquanto acariciavam a corda. Sentiu aquele momento como se fosse de silêncio. Quase lhe pareceu que a criatura iria proferir qualquer coisa. Porém, a sensação foi breve e o monstro nada proferiu. Dava sinais de estar cansado de olhar para ela. As mãos, que pareciam humanas, puxaram novamente a corda.

Quando a corda ficou suficientemente retesada, Mena cortou-a com as duas espadas. O animal perdeu o equilíbrio e voltou a tombar. Mena voltou-se e empurrou, arrastando o bicho e gritando aos dois homens para se porem em pé e saírem do círculo, ficando a salvo.

— Lembrem-se dos vossos anéis! — gritou. — Todos os auxiliares, amarrem as cordas em baixo!

Dito isto, a princesa levantou o braço e imediatamente o baixou. Antes de completar o movimento, os seus generais reagiram com gritos de ordem. No instante seguinte, a aberração foi alvejada por uma profusão de setas e cordas vindas de todas as direções. Muitas atingiram-na — no peito e nas virilhas, outras enterrando-se nas patas de lado a lado, no dorso, na zona musculada do tronco e no pescoço. Muitas passaram por entre a curva dos chifres, as cordas entrelaçando-se neles enquanto o monstro girava sobre si. Algumas atingiram os macacos mais pequenos, impalando três ou quatro ao mesmo tempo antes de perderem o impulso. As setas que não atingiram o alvo voaram na direção dos besteiros e tropas do outro lado. Era a altura em que os auxiliares voltavam a ser cruciais. Em vez de segurarem os besteiros, puxavam-nos para trás. As cordas retesavam-se antes de as setas chegarem ao outro lado e estas, mesmo que as bestas caíssem das mãos dos besteiros, eram sustidas pelas correias.

Quando as setas ficavam presas, os besteiros avançavam por entre elas e atiravam cordas presas por setas rombas por cima da criatura. Outros apanhavam as setas do outro lado e prendiam-nas ao chão, aumentando o emaranhado de amarras da aberração e apanhando

muitos dos *tentens*. Mena manteve-se quieta a observar enquanto a aberração era completamente amarrada ao chão. Afastou-se então, à medida que os lanceiros halaly começavam a mover-se para o interior do círculo com as lanças preparadas para matar os *tentens*. A algazarra e a barafunda prosseguiram, mas Mena sabia que o pior já passara.

Melio encontrou-a subindo lentamente na direção do cume, de onde ela queria perscrutar novamente o horizonte, ver a maravilha e a vastidão daquelas terras.

— Tens de deixar que os outros se arrisquem quando é necessário — disse ele, sorrindo. — Tens sorte em os teus homens te temerem tanto quanto receiam a tua morte. Se não fosse assim, poderiam ter intervindo e estragado tudo. Mas tu sabes disso. Conseguiste e, no entanto, isso não te dá alegria.

— Como estão os dois homens? — perguntou Mena.

— Os dois que salvaste? — Afastou o cabelo do rosto e observou-a. — Acho que estão feridos, mas que sobreviverão para contar a história.

— ... Há mais algum?

— Só pequenos ferimentos, algumas dentadas. — Melio tocou-lhe no braço, virou-a e encostou-a a si.

— Mena, isto correu bem. Deves estar contente. Vamos dançar esta noite como fazem os halaly e alegrarmo-nos por termos acabado com mais uma aberração. Pensa nas coisas assim.

Mena deixou que ele a abraçasse, feliz, e teve vontade de permanecer mais tempo nos braços dele do que se permitia em público. Contudo, não pensava do mesmo modo que ele. Pelo menos, não totalmente. Nunca se esqueceria do olhar do animal.

Nessa noite, depois dos festejos, sonhou com a expressão que vira nos olhos da criatura. Acordou sem ter a certeza onde acabava a realidade e começava o sonho. Convenceu-se de que fora o sonho a deixá-la tão insegura, não a realidade. Não era possível ter visto inteligência nos olhos daquele monstro. Não ouvira os pensamentos do bicho no seu espírito alerta. O monstro não expressara um ódio por ela e pelos do seu género, uma raiva que, fervilhante e

ACÁCIA

potente, ia para além da fúria de um simples animal monstruoso. Isso acontecera apenas nos seus sonhos. Claro. Não passara de um sonho. Contudo, era estranho que, pouco depois dos acontecimentos, não conseguisse separar a verdade da imaginação.

Decidiu enviar uma carta à rainha, informando-a de que tinham uma aberração a menos com que se preocupar. Diria isso apenas. Continuaria em frente. Continuaria a acreditar.

CAPÍTULO

DOIS



∞ No gabinete que antes pertencera ao pai, a rainha Corinn Akaran encontrava-se debruçada sobre a secretária, de braços abertos e apoiando-se com as palmas das mãos sobre o tampo de madeira liso e polido. As mangas largas do vestido formavam uma espécie de cortina que escondia o documento dos dois lados. Estava sozinha, mas sabia — melhor do que qualquer outra pessoa no palácio — que só se tivesse olhos nas costas poderia ter a certeza completa de não estar acompanhada. Era a sua posição preferida quando se queria concentrar num documento em especial, sobre o qual pairava como um falcão pronto a fazer um voo rasante e agarrar um rato num campo lá em baixo.

Haviam passado nove anos desde que arrancara o império acariano das mãos de Hanish Mein. Havia nove anos que era rainha. Havia nove anos que carregava o fardo da nação sobre os ombros. Nove anos em que não confiara completamente numa única pessoa. Nove anos em que apenas mostrara vislumbres de si própria a pessoas diferentes, nunca se revelando completamente a ninguém. Havia nove anos que era mãe. Nove anos dedicados a um estudo secreto. Nove anos em que fora aprendendo a falar como um deus.

Corinn era tão bela que poucos notavam os efeitos da passagem do tempo sobre ela. Tão esbelta que provocava a inveja de mulheres dez anos mais novas; tinha um ar tão jovem que as meninas que ainda não tinham idade para se compararem com ela a consideravam um ideal; possuía uma figura tão formosa, tão elegante nos vestidos

ACÁCIA

cuidadosamente confeccionados, que o olhar dos homens a seguia instintivamente, quer eles o quisessem quer não. Nenhum homem atraído por mulheres deixaria de ver a beleza da sua boca de lábios carnudos, da compleição morena, os ombros e o busto redondos, a curva das ancas. Quando teria existido tal figura imbuída de tanto poder e guiada por um espírito tão calculista? Quando teria existido um rosto tão sensual impregnado de tanto perigo? A todos surpreendera a sua súbita ascensão ao poder, e todos os que a tinham conhecido quando era mais nova continuavam chocados com o facto.

Corinn sabia disto tão bem como qualquer outra pessoa. Fazia questão de estar a par de tudo. Tinha conhecimento de que na cidade baixa as pessoas lhe chamavam a *Rosa Espinhosa*. Gostava até do nome. Sabia quais os nobres ainda suficientemente loucos para terem a veleidade de pensar que poderiam dormir na sua cama. Tinha conhecimento de que existia um movimento em marcha no Senado para a obrigar a casar. Se conseguissem o que queriam, ela daria um herdeiro legítimo ao trono e assim afastariam o filho de Hanish Mein. Não o conseguiriam. Sabia quais eram os senadores que mais a odiavam por lhes cercear o poder e quais os clãs e as tribos que mais se opunham à sua recente decisão de estabelecer uma moeda nacional — o *hadin* — que só o tesouro real poderia cunhar exclusivamente em Acácia. Sabia quais os nobres que poderia manipular uns contra os outros, de modo a fazer avançar os seus planos. Estava contente por saber tudo isto. Tudo junto e bem pesado, o balanço era sempre a seu favor. Estava segura a governar e fazia planos de em breve o estar ainda mais.

Se toda a complexidade de intrigas em redor do seu cargo lhe desenhara finas rugas no canto dos olhos, pois que assim fosse. Se estava mais cheia nas ancas e no peito do que antes por ter dado à luz, que importava? Se caminhava agora com mais força sobre os tacões do que em bicos de pés, pois era assim que devia ser. Fora uma rapariga linda, mas sabia que havia outras formas de ser bela agora, enquanto mulher. Não chegara ainda à idade que a sua mãe tinha nas suas recordações, o que significava que ainda não atingira a idade de ter de pensar na sua beleza. Nem na morte. Esse dia viria, bem o sabia, mas ainda estava longe.

Por agora, o seu aspeto físico era uma vantagem que lhe serviria tão bem como a capacidade de manejar uma espada. O cerne do poder que tinha residia agora na sua mente, no que pensava, e na

capacidade de tirar vantagens dos outros a partir da inteligência que ocultava por detrás de uma expressão agradável. Nunca fora o recetáculo vazio que muitos tinham pensado. Fora preciso uma raiva enorme para despertar nela os talentos que tinha há muito adormecidos. Tinha de agradecer a Hanish Mein por essa raiva. Recordava-se disso de alguma forma, diariamente.

A um canto da secretária havia uma carta da empresa vinícola de Prios. As vinhas estavam prontas, dizia. Começariam de bom grado a produzir os vinhos de que a rainha os encarregara. Assim que o aditivo lhes chegasse, poderiam começar a engarrafar. Muito bem, pensou Corinn. As pessoas andavam há demasiado tempo de olhos abertos. Sabia que começavam a queixar-se, aliás, com boas razões.

O documento que a rainha estava a estudar era o último dos relatórios que encomendara sobre o estado da agricultura no norte de Talay. Relatava uma história terrível. Apesar de a zona central de Talay ter sido sempre árida, a região norte tinha um clima mais temperado. As correntes marítimas e o vento que as impulsionava traziam suficiente humidade para manter a terra fértil, apta para produzir cereais em abundância, frutos e legumes com os quais se fazia comércio com os mercadores, trocando-os por mercadorias do Mar Interior e de terras tão longínquas como o Arquipélago Vumu. Essas mercadorias, por sua vez, eram enviadas para o sul de Talay, que tinha os seus próprios produtos para oferecer, como gado e riquezas minerais. Assim, havia muitas gerações que existia um equilíbrio entre o cultivo das terras e o comércio.

As coisas agora estavam diferentes. Os danos causados pela guerra e pela magia corrompida dos Santoth nas planícies de Talay haviam deixado as terras ressequidas. Algo mudara o curso dos ventos. Agora corria nos planaltos uma brisa escaldante que evaporava a humidade vinda do mar antes de esta ter atingido as terras. Em Bocoum, diziam que o nevoeiro se mantinha sempre longe da costa, como uma miragem tentadora que surgia todas as manhãs, sobre o mar, mas que nunca se aproximava de terra. A cada ano que passava, as colheitas deterioravam-se cada vez mais e aquele verão parecia ser dos mais secos. Até a erva de trigo — normalmente tão abundante — secara ao ponto de parecer palha. Ardia facilmente em incêndios que ofuscavam os céus com nuvens de fumo negro.

Da última vez que os mercadores tinham ancorado em Bo-

ACÁCIA

coum, descobriram que os talayanos tinham poucos produtos para fazer trocas. Em vez de fazerem as trocas comerciais do costume, deram por si a combater assaltos dos camponeses e habitantes da vila, famintos e desesperados. Tendo em conta o modo como as correntes marítimas influenciavam o comércio em redor do coração do império, esta situação interrompia a cadeia de comércio e teria consequências tremendas.

Quem imaginaria que a falta de água num lugar afetaria a prosperidade de nações a centenas de quilómetros de distância? Corinn sabia que isto constituía uma ameaça muito mais terrível do que qualquer aberração que a irmã andasse a perseguir. Exigia toda a sua atenção, e estava agora pronta para lha dedicar. A sua resposta era, no fundo, simples, enraizada numa necessidade básica e na capacidade que descobrira recentemente de poder providenciar coisas que mais nenhum ser vivo poderia oferecer. Se o seu plano funcionasse como calculava, com certeza que as gentes de Talay encontrariam para ela um outro nome. Um nome que a louvasse. Talvez ela própria viesse a decidir sobre que nome seria e o murmurasse, de boca em boca, até ser aceite. Fá-los-ia pensar que tinham sido eles a escolher o nome. Aprendera com o tempo que os nomes possuíam um enorme poder.

Ouviu então o som do apito de osso que os guardas usavam para lhe anunciar a chegada de alguém; eram duas notas que identificavam a pessoa a entrar, neste caso a secretária Rhrenna, uma parente de Hanish Mein que lhe demonstrara alguma amizade durante o seu cativeiro na corte do Mein. Corinn preferira-a a Rialus Neptos, uma outra relíquia que não pertencia à sua família, vindo da sua antiga vida. O homem era seu confidente em muitas áreas, sim, mas não suportava tê-lo frequentemente por perto. Era muito mais apropriado que um lugar que implicava tanta familiaridade fosse ocupado por uma mulher, e uma mulher que estava indubitavelmente em dívida para com ela.

Durante algum tempo, após a sua súbita subida ao poder, Corinn pensara que Rhrenna morrera durante o massacre aos Mein que ela arquitetara com apoio dos Numrek. Só algumas semanas depois a jovem fora encontrada, escondida a bordo de um navio mercante, ao largo da costa ausheniana, com várias outras donzelas. Quando a levaram de volta para Acácia, Corinn acolhera-a com um misto de afeição sincera e de alívio. Era bom saber que nem todos os que ela

sentenciara à morte estavam para sempre perdidos. Deu-lhe a oportunidade para demonstrar o seu perdão; precisava disso.

Rhrenna entrou. Pálida e esguia, atraente apesar da magreza, mas com ar de pensar que a liberalidade de Acácia não a alimentava como seria de esperar. Falou com uma voz agradável, de uma bonita tonalidade, um dom pelo qual muitas vezes era chamada a cantar nas noites de banquete.

— Desculpai-me, majestade, mas tendes visitas. *Sire Dagon* e *Sire Neen*, da Liga, desejam uma breve audiência convosco.

— Dagon e Neen? Nem sequer sabia que se encontravam na ilha.

— Sim, acabaram de chegar. Pedem perdão por vos importunar, mas juram que se trata de um assunto urgente.

Era costume os homens da Liga requisitarem uma audiência com ela pelo menos com três dias de antecedência. Por mais vontade que tivesse de lhes recusar o pedido, Corinn sabia que, se o fizesse, ficaria a interrogar-se sobre o que os teria trazido ali com tanta urgência. Perderia tempo a tentar perceber porquê. Seria melhor recebê-los e ouvir o que tinham a dizer. Então, tentaria descobrir a verdade sob aquilo que eles lhe diriam.

Saudou-os na sala de reuniões, ao lado da varanda principal, um aposento grande, aberto ao ar livre a todo o comprimento. Contudo, em vez de apreciar a vista, Corinn sentou-se descontraidamente numa cadeira de espaldar alto, com o brilho da luz do dia a emoldurar-lhe a figura por trás. Agarrou com os dedos os braços da cadeira.

— A que devo esta inesperada alegria? — perguntou, cruzando as pernas enquanto Dagon e Neen se aproximavam. — Dois *Sires* a visitarem-me ao mesmo tempo. Que raro prazer!

— O prazer é todo nosso — retorquiu *Sire Dagon*, fazendo uma vénia lentamente como era costume da Liga.

— Pedimos perdão pela intrusão — acrescentou *Sire Neen*. — O assunto é bastante importante, majestade. Não poderíamos fazer outra coisa senão vir imediatamente falar convosco.

Então os dois homens iniciaram num ritual de saudações, espalhando elogios e superficialidades como pétalas de rosa que esperassem perfumar a sala. Estavam vestidos com os trajes de seda luxuosos da sua seita e movimentavam-se com um ar de monástica reverência. Não pertenciam a uma organização religiosa — de facto, a sua

ACÁCIA

principal doutrina assentava num insaciável apetite por riqueza — mas constituíam um grupo fechado, com costumes misteriosos que poucos alheios ao grupo compreendiam. Eram normalmente altos e magros, com o pescoço muito comprido devido a um processo de alongamento que durava uma vida inteira. Na infância, a cabeça era ligada apertadamente e estreitada num cone até enrijecer e a forma se tornar permanente. Dizia-se que fumavam uma bruma destilada a seu modo — uma bruma tão potente que mataria pessoas normais — e que esta prolongava a sua esperança de vida. Porém, como ninguém de fora da Liga dos Navios sabia quando algum deles nascia ou morria, era impossível saber se esse rumor teria algo de verdade.

Apesar de os homens falarem como se a visita não se devesse a nada mais do que a mero convívio social, Corinn reparou que nenhum deles pegara no cachimbo de bruma. Isto, mais do que tudo o resto, indicava que estavam ansiosos por chegar ao fulcro da questão. Ela fez-lhes a vontade.

— *Sires* — interrompeu Corinn — sentai-vos, por favor. Sei que o vosso tempo é precioso. Creio que não tiveram problemas com o aditivo? Ambos me garantiram que estava perfeito.

— Está, sim! — exclamou *Sire Dagon*. — Está, sim. Neste momento está a ser feita uma entrega a Prios, com cuidadosas instruções. Não, trata-se de outro assunto — Interrompeu-se um momento, pigarreou e recomeçou. — Temos sido sempre diretos um para com o outro, vós e eu, rainha Corinn. Diretos e completamente honestos. Agirei exatamente do mesmo modo em relação a este assunto.

Corinn, mentalmente, revirou os olhos. A franqueza da Liga era semelhante ao emaranhado de arbustos de silvas que asfixiavam as colinas ao longo dos rios, em Senival. Era fácil ficar-se enredado naquela «franqueza» de mil picos, que se cravavam mais fundo na pele se alguém se tentasse libertar deles. Era verdade que conhecia *Sire Dagon* há mais tempo do que conhecia *Sire Neen*. Sentia-se ligeiramente mais à vontade com ele. Fora com *Dagon* que tratara de tudo para a retirada dos navios da Liga que apoiavam *Hanish Mein*, durante a guerra, e delineara com ele o funcionamento básico das trocas comerciais que faziam. Não eram pormenores de que se orgulhasse, mas era essa a realidade necessária para ter o governo nas mãos.

A principal das concessões que fizera fora entregar a propriedade das Ilhas Distantes à Liga. A cadeia de ilhas de areia branca, que

outrora fora o refúgio de Dariel, quando era pirata, constituía agora uma série de reservas onde se produzia e criava a Quota de escravos. Tinham chegado à conclusão de que isto era necessário para que o sistema funcionasse em círculo fechado. Não existiria influência exterior de qualquer tipo. Ninguém podia contactar nem fazer comércio com aquela população. Além disso, os criadores não teriam outras recordações a não ser as da sua vida nas ilhas. Por esta razão, tinham adquirido crianças muito pequeninas, havia vários anos.

Seria necessário mais tempo ainda para estarem a produzir a Quota como *Sire Dagon* e os outros tinham imaginado, mas viriam a ser completamente autossuficientes. Seriam os próprios escravos a plantar e a colher os alimentos de que necessitavam. Fariam comércio entre si, num sistema fechado, que nada custaria ao império. Nada mais conheceriam a não ser a existência que a Liga arquitetara para eles — e isso, prometera *Sire Dagon* pessoalmente à rainha, seria uma vida que lhes proporcionaria estabilidade e até algum conforto. Uma vez tendo a Liga instaurado um sistema de autogovernação nas ilhas, assim como uma doutrina religiosa moldada à situação, os escravos nem precisariam sequer de se sentir escravos.

O resultado de tudo isto seria que ofereceriam os filhos sem questionar. Seriam alojados em ilhas diferentes, por idades, de modo a que os pais não se habituassem a amar os filhos. As crianças nunca conheceriam os progenitores. A Liga nunca lhe revelara os pormenores exatos de todo este plano, e Corinn nunca perguntara quais eram. O facto de ter permitido isto já constituía um elo suficiente entre ela e a Liga. Duraria, pensava Corinn, gerações, talvez outras vinte e duas gerações, tal como acontecera com o acordo de origem que Tinhadin mediara outrora. Se aquilo lhe perturbava a consciência? Sim, mas era esse, lembrava muitas vezes a si própria, o fardo que tinha de carregar a fim de poder reinar no império.

— Não esperaria outra coisa de ti, prezado Dagon — proferiu Corinn, dando um tom levemente mordaz à cortesia da resposta — e obterás a mesma atitude sincera da minha parte. Continua.

Sire Dagon assentiu, de olhos semicerrados como se as palavras lhe soassem a música.

— Rainha Corinn, já deveis saber com certeza que a Liga vos tem na mais alta consideração. Na verdade, há várias gerações que não tínhamos tanta confiança num Akaran. Claro que não preten-

ACÁCIA

do insultar os vossos antepassados. Mas o facto é que achamos que haveis tido um reinado notável, apesar de estardes no poder há tão pouco tempo.

— ... E tão prometedor — acrescentou *Sire Neen*, com um sorriso. Tinha os dentes cuidadosamente limados, arredondados nas pontas, cada um deles delineado numa curva suave uniformemente medida. Quando Corinn olhava para ele preferia manter o olhar na testa do homem. Os olhos dele possuíam uma frieza mortal, de réptil, que ela não penetrava — nem o desejava sequer. Não sabia qual deles tinha um estatuto mais alto, nem que serviços *Sire Neen* prestara à Liga antes de se tornar responsável pelo projeto das Ilhas Distantes. Eles nunca davam tais informações nem ela as pedia.

Apesar da sua alegada franqueza, os dois homens passaram mais alguns minutos a elogiar a paz que ela alcançara, dizendo que ambos tinham a certeza de que, em breve, o império seria mais próspero do que nunca. Por fim, Corinn ergueu um dedo:

— Por favor, estão de novo a divagar. Afinal o que pretendem realmente dizer-me ou pedir-me?

Os dois homens entreolharam-se, parecendo concordar que chegara a altura de expor o assunto. *Sire Neen* disse então:

— Ocorreu um incidente infeliz. Recentemente, para ser mais preciso, aliás, no último outono, procurámos obter informação sobre os *auldek*.

— Procuraram obter informação?

— Nunca existiu um povo tão irritantemente envolto de segredos como os *lothan aklun* — proferiu *Sire Dagon*, sem nenhum tom na voz que pudesse criar em quem o escutava a impressão de que aquela queixa era irónica vinda dele. — Como sabeis, os *lothan aklun* são para os *auldek* o mesmo que nós somos para vós. Não é com eles que fazeis comércio, eles são simplesmente os mercadores intermediários que dominam as Outras Terras.

Corinn interrompeu-o.

— Esse foi um pormenor que a Liga levou algum tempo a divulgar.

— Se fomos cautelosos a divulgar a informação que temos foi por termos sabido, e continuamos a saber, tão pouco sobre tudo aquilo que lá se passa. Má informação não é melhor do que nenhuma informação. Com certeza que concordais? — Ele interrompeu-se,

mas não o tempo suficiente para que Corinn lhe fizesse perguntas. — Sabemos que as Outras Terras são vastos territórios. Sabemos que os auldek são poderosos. Porém, é só isso que sabemos. Como compreendereis, isso não é conhecimento nenhum. Assim, chegámos à conclusão de que agora, ao entrarmos numa nova era, sob a vossa liderança, seria essencial conhecermos mais alguma coisa sobre esta nação de que somos tão dependentes.

— Haveis enviado espiões?

— Precisamente.

— Porém, antes de sabermos alguma coisa de interesse — prosseguiu *Sire Neen* — um dos nossos agentes foi descoberto e preso. Este, então, foi convencido a trair outros agentes. Houve vários deles que foram presos e interrogados.

— Quantos? — inquiriu Corinn.

— Oh! — Dagon apertou os lábios como se o número exato não fosse importante, mas acabou por dizê-lo. — Vinte e sete.

— Vinte e sete? Estais loucos?

Neen afagou o fio de ouro que trazia ao pescoço, acariciando a figura de golfinho em relevo do pingente.

— Trata-se de um vasto território. Um ou dois espiões nada nos teriam dito de especial. Seria uma perda de tempo e um risco. Em todo o caso, os nossos espiões foram muito bem treinados, disciplinados e aparentavam perfeitamente ser parte dos escravos adultos. Ficámos todos chocados ao saber que fora apanhado um e mais surpreendidos ainda por este ter traído os outros.

— Parece — continuou o outro homem da Liga — que os lothan aklun se apoderaram deles. Têm formas de tortura muito persuasivas.

Corinn tamborilou com os dedos na madeira dos braços do cadeirão, esperando mais pormenores.

— Então a Liga foi apanhada a espiar? Como reagiram os lothan aklun?

— Pondo as coisas do modo mais simples, — disse *Sire Neen* — isto deixou-nos numa posição embaraçosa. Cremos que o que ajudaria imenso seria uma intervenção direta da vossa parte. Apresentaremos as nossas desculpas diretamente a ambas as partes, mas, se vos mantiverdes do nosso lado com firmeza, embora confessando completa inocência no assunto, isso reforçará a nossa

ACÁCIA

posição. Os lothan aklun precisam de saber que a Liga e a coroa de Acácia são dois dedos da mesma mão.

— Pretendeis que lhes diga que os homens da Liga são os meus intermediários preferidos, não é? Porém, e se eles oferecerem melhores condições?

Os dois homens fizeram uma expressão horrorizada, embora ela soubesse que não passava de teatro. Nada surpreendia homens daqueles. *Sire Dagon* proferiu então:

— Majestade, não fazeis ideia da dimensão que teria esse erro. Corinn sorriu.

— Então porque não mo explicais?

Sire Dagon mostrou-lhe as palmas das mãos, com os dedos longos e tortos. Era outro gesto estranho que ela ainda não compreendera totalmente.

— Vós e as próximas gerações dos Akaran desperdiçariam a vida tentando entender todos as múltiplas ramificações da duplicidade dos lothan aklun. São seres vis, sem consciência alguma, e procurariam enganar-vos de todas as maneiras possíveis. Andam pelas ilhas fronteiriças Barreira sempre a arquitetar novas formas de traição. É apenas porque nós — a Liga — andamos a lidar com eles há séculos que sois poupada a estas coisas. Nada lhes agradaria mais do que banquetear-se com a vossa inocência.

— Além disso — acrescentou *Sire Neen*, mostrando novamente os dentes sinistros — a Liga é proprietária das Encostas Cinzentas. Sem nós, não conseguireis chegar aos lothan aklun nem eles a vós. Só nós navegamos aquele vasto oceano repleto de perigos.

— Assim mo têm dito vezes sem conta.

— Se quiserdes, — proferiu *Sire Dagon* — podereis ver pelos vossos próprios olhos. Temos autorização do Conselho da Liga para vos oferecer transporte, se quiserdes encontrar-vos com eles. Nada causará maior impressão aos lothan aklun, no sentido de reforçar a nossa parceria do que verem com os próprios olhos que estais do nosso lado.

Corinn olhou para os dois homens, tentando ler-lhes os pensamentos apesar de não mostrar o quão estava surpreendida pela proposta. Durante todos os anos de comércio com os lothan aklun, nunca nenhum Akaran se encontrara com aquele povo. A Liga mantivera a exclusividade dos negócios ciosamente. Se aquela proposta era genuína, deviam estar realmente preocupados.

— Não posso deixar Acácia neste momento — acabou Corinn por responder — mas enviarei o meu irmão, o príncipe Dariel, com uma mensagem minha para os lothan aklun. O príncipe deverá regressar a Acácia dentro de alguns dias. Irá então apaziguá-los e continuaremos os nossos negócios.

Corinn não conseguiu perceber se teriam ficado satisfeitos com esta ideia, mas, para eles, ocultar o que pensavam era tão natural como o ar de que precisamos para viver. Ergueu-se da cadeira e mandou-os embora, num tom formal, prometendo que trataria com eles dos pormenores ao longo dos próximos dias.

Mais tarde, de novo sozinha, a rainha manteve-se à secretária, tentando lembrar-se de tudo o que fora dito e dos gestos que tinham acompanhado as palavras. Era óbvio que os homens da Liga não lhe tinham contado tudo. Nunca o fariam, fosse em que circunstâncias fosse, mas era provável que escondessem alguns aspetos do assunto que ela deveria saber. Mandaria Rialus enviar os seus agentes e espões para saber que mais descobririam. Quanto ao irmão, talvez devesse de facto acompanhá-los. Haveria muito a ganhar com certeza. Era uma oportunidade a agarrar antes que a Liga arranjasse forma de se evadir dela.

Ouviu alguém entrar na sala. Sentiu um assomo de irritação, mas que rapidamente lhe passou. Sabia — pela rapidez dos passos e por não o terem anunciado com o apito — exatamente quem era antes de o ouvir falar.

— Mãe, vê isto — disse a criança. — Vê só o que aprendi.

Corinn endireitou-se, ergueu o olhar e viu o filho, Aaden, entrar a correr na sala. Trazia uma espada em madeira, das que eram usadas para treino, uma versão pequena e leve feita para crianças. Apropriada para um menino com oito anos, a idade dele.

— Vê — pediu o rapazito, imperioso. — Sei fazer a primeira parte da Primeira Forma!

Sem esperar pelo consentimento da mãe, o menino pôs-se em posição e empunhou a espada. Concentrou-se num inimigo imaginário à sua frente. Corinn sorriu. O seu pequenino Edifus em Carni, já sonhando com carnificinas. Nunca conhecera dificuldades na vida e, contudo, estava já ansioso por conflitos.

O menino movimentava-se com a estranha e intensa concentração própria das crianças. Aos pulos e saltos, desviava-se de golpes

ACÁCIA

imaginários, nas pontas dos pés. Vacilou algumas vezes e corrigiu logo os passos, tão concentrado que mal respirava através dos lábios contraídos. Ao observá-lo, a mãe prestava pouca atenção à execução que ele ia demonstrando da Forma ou à Forma em si. Olhava simplesmente para ele, maravilhada com o ato de criação que o trouxera à vida. Ela concebera aquela criança! Aquele ser humano, completo e extraordinário! Como era possível que tivesse tido o poder de criar aquela boquinha pequenina, aqueles dentinhos tão perfeitos? Aqueles olhos também, de um cinzento acastanhado, quase grandes demais para o rostinho. Mas cresceria, adaptando-os a si na perfeição, e encantaria quem quer que os olhasse.

Teria ela feito tudo aquilo?

O menino rodopiou, num súbito floreado, com o cabelo longo e ondulado esvoaçando em redor. Corinn pensara sempre que o deveria cortar rente à cabecinha. Porém, nunca tivera coragem para o mandar cortar. Quando era bebê, aflagava a cabecinha com pouco cabelo do menino, sentindo todos os pormenores. Parecia tão vulnerável, então tivera pouco cabelo quase até ter um ano, depois este começara a crescer, forte. Receara, no íntimo, que viesse a ter o cabelo cor de palha típico dos Mein, mas, à medida que crescia, cada vez amara mais tocar-lhe. Como não poderia deixar de amar aquele cabelinho? Era o cabelo do seu filho.

Era também verdade que se via bem ser filho de Hanish Mein. A prova estava nos reflexos dourados do cabelo castanho, na linha já firme do queixo e na forma da boca. As suas feições tinham muitas vezes algo do ar sonhador de Hanish, uma expressão alegre que frequentemente disfarçara os seus verdadeiros pensamentos e intenções. Sim, era filho de Hanish. Corinn vivia consciente desse facto todos os dias. Porém, o filho não usaria o nome daquele traidor. Oficialmente, era um Akaran e Corinn a progenitora de que ele precisava. Se alguém se atrevia a pronunciar o nome — uma vez Corinn enfurecera-se com um embaixador impertinente que quisera saber quem era o pai da criança — bastaria procurar na dinastia Akaran. Era isso Aaden! O filho de Edifus e de Tinhadin e de todos os outros Akaran que haviam existido no Mundo Conhecido. Tinha o nome do primeiro filho de Tinhadin. Corinn achara-o apropriado e, com alguma esperança, profético.

Corinn sentia-se perturbada por não existirem palavras para

descrever o amor que se podia sentir por um filho. Antes de ser mãe sabia tão pouco. Todos aqueles anos e nada soubera do que a mãe e o pai deviam ter passado ao criarem quatro filhos. Fazia-a pensar em como fora tão tonta. Era uma emoção estranha e desagradável que se seguia à sua adoração. Preocupava-a que um dia, a certa altura mais sábia da sua vida, olhasse para trás, para o que era agora — com trinta e três anos, mãe de um único filho, viúva de um amante que planeara matá-la, irmã de dois irmãos e de um outro, já morto, uma órfã que nunca mais poderia recorrer aos pais — e visse que tinha ignorado algum ponto importante.

Claro que guardava estes pensamentos exclusivamente para si. Para o mundo, apresentava-se como uma estátua imperturbável de certezas. Porque não o haveria ser? Era a rainha de um vasto império e guardiã do conhecimento mais poderoso que existia no mundo. Devia ao seu povo o ter a certeza absoluta dos seus atos. A hesitação, a reflexão, as mudanças de ideias eram sinais de fraqueza, o género de falhas que tinham impedido o pai de ser um grande rei. Os pontos fracos do seu carácter que, temporariamente, o haviam levado a perder o império.

Não importava, pensava Corinn. Acácia tinha agora uma grande rainha. A nação prosperaria por causa disso; ela prometera-o. Uma rainha forte, uma mãe que criaria o próximo rei da nação. Seria isso que Aaden vira a ser, mesmo que o mundo ainda não tivesse tantas certezas sobre este assunto como ela tinha. Por ter nascido fora de um casamento oficial, Aaden não tinha o trono garantido. Suceder-lhe-ia, mas não sem problemas nem protestos por parte das outras famílias Agnate, aqueles para quem ela deveria casar e ter um filho legítimo. Também, qualquer criança nascida de um casamento dos irmãos — como o de Mena e Melio — ficaria à frente de Aaden na linha de sucessão. Contudo, não existia ainda tal criança, e, em breve, Corinn surpreendê-los-ia a todos.

O jovem espadachim estivera muito concentrado na execução dos passos da Forma, mas, assim que acabou a exibição, abandonou completamente o papel. Largou a espada e correu para a secretária onde estava a mãe, subitamente aborrecido.

— Foi isto que aprendi. Queria aprender o final, mas Thotan explicou que tenho de começar pelo princípio.

— Aaden — disse a rainha —, isso é maravilhoso. Um dia serás

ACÁCIA

um espadachim formidável. Diria que melhor ainda que o Dariel. Talvez melhor do que a Mena!

O menino aceitou o elogio com um gesto rápido. Garantiu-lhe que já era um excelente espadachim. Não era preciso «um dia» para o dizer. Contudo, algo no elogio o fez voltar a atenção para o assunto. Voltou a concentrar-se na Forma, muito determinado, com a língua pendurada por entre os dentes.

— Gostei muito de ver — proferiu Corinn —, mas agora debes ir-te embora. Tenho assuntos a tratar.

— Está bem — respondeu o menino, baixando depois a voz, em tom conspirador. — Mas mostra-me primeiro uma coisa. Um animal. Faz qualquer coisa que eu nunca tenha visto! Não! Faz qualquer coisa que nunca ninguém tenha visto.

Olhando em volta, Corinn disse:

— Aaden, sabes que não gosto de fazer essas coisas aqui, com tantos olhares em volta.

— Mas não está ninguém aqui — retorquiu Aaden, inclinando-se e murmurando.

— Espera até irmos outra vez a Calfa Ven.

— Mãe! Só uma coisa e depois vou-me embora. Há que tempos que não me mostras nada. Estamos sozinhos. Vê.

Corinn examinou a sala por instantes para ver se estaria de facto vazia, que ninguém os espiava, que ninguém estaria à escuta, escondido algures. Raramente concedia qualquer coisa a alguém que não fosse do seu agrado fazer, mas era difícil recusar a Aaden fosse o que fosse. Ou, no fundo, não lhe queria recusar nada. Contemplar a alegria no rosto do filho era um prazer como nunca conhecera.

Acabou por dizer:

— Vai ver então se a porta está bem fechada.

Contornando a secretária, dirigiu-se à pequena alcova a um canto da sala, fora de vista, caso alguém entrasse sem ser anunciado. Claro que isso era estritamente proibido, mas, mesmo assim, preferiu ser cautelosa. Certa de que não seriam importunados — e com parte da sua atenção focada em detetar algum movimento de pessoas no corredor ali perto — Corinn começou a entoar uma canção. Cantava num tom muito suave, como se quisesse empurrar as palavras para um recipiente raso no chão à sua frente, dirigindo-as cuidadosamente de modo a que nenhuma transbordasse de algum bordo imaginá-

rio. Entoava palavras que não eram bem palavras, sons que possuíam os ingredientes da existência, os fios que, unidos, teciam a tapeçaria da vida. Sentiu Aaden voltar para o seu lado, e ficar ali, junto dela, de olhos muito abertos. Corinn não desviava os olhos da área do chão para onde estava a cantar.

Se lhe perguntassem como funcionava realmente a língua do Doador, não o saberia dizer. Não se tratava de uma prática que levasse logicamente de um ponto a outro. Era uma linguagem que nunca se imobilizava, que se transformava perante os seus olhos e ouvidos. Existia uma ordem naquilo tudo, sim, um modo de, a pouco e pouco, melhor se dominar a matéria. Sim, claro que era necessário aprender, estudar. Havia anos que se dedicava ao estudo da *Canção de Elenet*, especialmente nas alturas em que se refugiava com Aaden e meia dúzia de criados no chalé de Calfa Ven. Vezes sem conta o texto daquele livro antigo se erguera das páginas para falar com ela, como espíritos aprisionados nas páginas e libertados pelo toque do olhar de Corinn. Falavam com ela sobre a verdadeira língua do Doador. Faziam-na executar exercícios, obrigando-a a pronunciar palavras e sons estranhos como nunca proferira.

Apesar de tudo isto, o ato de cantar era, mesmo assim, algo de improvisado, que emergia, como num salto, daquelas longas horas de estudo e que adquiria vida própria. Embora isso a assustasse — por vezes acordando de sonhos em que a sua canção se transformara num pesadelo — o ato em si era de uma tal beleza, de um tal arrebatamento, que já não conseguia estar muito tempo sem o praticar. Aaden queria que ela cantasse: na verdade, ela ansiava por isso ainda mais do que ele.

Então cantou. As palavras que proferia — ininteligíveis, belas, infundidas de um poder quase físico — encheram a alcova. Os sons pairavam no ar como se o pequeno compartimento estivesse envolto em laços invisíveis, como serpentes esvoaçantes, deslizando, executando um bailado circular. À medida que Corinn continuava a entoar o cântico, o círculo ficava cada vez mais pequeno. Ela ia lançando o feitiço, cingia-o, enchia aquela bacia invisível com sons que se transformavam numa substância maior. Em breve as palavras da canção que entoava nadavam como peixinhos minúsculos e brilhantes, surgindo a pouco e pouco um globo fervilhante deles, cada vez mais denso. No centro disto, uma figura começava a tomar forma.

ACÁCIA

Algo que ninguém vira nunca: fora o que Aaden lhe pedira. Era isso que ela cantava para que acontecesse. Deixaria que esse ser visse ali à frente deles alguns instantes, e, depois, cantaria a canção para que se desfizesse.

CAPÍTULO

TRÊS



Os guardas que se encontravam nos degraus mais baixos das escadarias do palácio cometeram o erro de barrar a passagem ao jovem. Um deles perguntou-lhe ao que vinha; um outro deu um empurrão no peito do estranho, mantendo outra mão pronta a desembainhar a adaga que trazia à cintura; um terceiro fez soar um apito de alarme. Todos exprimiram indignação por um trabalhador, um camponês — fosse quem fosse aquele recém-chegado, de roupas esfarrapadas, cabelo desgrenhado, mãos calosas e descalço — se atrever a tentar entrar na residência real. Poderia ser morto ali mesmo por ousar tal feito. Só não o faziam, explicou o primeiro guarda, porque queriam saber antes a razão daquela loucura.

Em resposta, o intruso deu um passo atrás. Pôs as mãos nas ancas e sorriu. Sabia que tinha a roupa em fiapos, trapos encardidos pelo que pareciam ser anos de uso, remendados aqui e esburacados acolá. As unhas dos pés estavam negras de imundície e tinha os cotovelos, pescoço e fronte sujos. Contudo, portava-se com desenvoltura e confiança. Ao sorrir, os seus dentes brancos eram um convite para que vissem a pessoa por de trás daqueles andrajos, do seu aspeto exterior. Que vissem a alegria no olhar e a forte musculatura sob aqueles farrapos. Que vissem aquele rosto pelo que era e não pelo que parecia ser. Gerou-se um momento de tensão, apesar de toda a gente parecer ter consciência disso, com exceção do jovem.

Respondendo a uma apitadela de alarme, aproximaram-se vários outros Marah, ameaçadores, prontos a empunharem a espada.

ACÁCIA

Entre eles estava um rosto que o homem conhecia bem, mas de quem não gostava. Rialus Neptos seguia na retaguarda dos que tinham chegado — não era um guerreiro, mas, como sempre, estava deseioso de presenciar qualquer coisa que pudesse ir contar à rainha. Não era chanceler da soberana, como se dizia que pensava ser, mas todos sabiam que era bastante íntimo de Corinn Akaran de uma forma incompreensível a todos. Era um conselheiro a quem ela parecia dar tanta intimidade como a que oferecia aos irmãos.

Rialus foi mais rápido do que os guardas a reconhecer o jovem. Por instantes ficou tão perplexo como os soldados.

— Não empunhem as espadas! — gritou, avançando por entre eles. — Nada de espadas, seus loucos! Não veem que é o príncipe Dariel?

O segundo guarda — o que lhe tocara mas ainda não falara — exclamou:

— Príncipe... Príncipe Dariel? — Olhou para os outros guardas, atônito. Afastou a mão da adaga como se chocado por ter pensado sequer em empunhá-la. — Alteza, não estou a compreender.

— Ah, reconheste-me — disse o jovem príncipe, mantendo a expressão de alegria ainda, antes de rebentar às gargalhadas. — E a tua falta de compreensão é óbvia, amigo! Os teus companheiros aqui são os mais confusos. Estive fora assim tanto tempo? Pensei que tinham sido apenas alguns meses! — Interrompeu-se, mas ninguém tinha uma resposta pronta. — Nunca ninguém viu um príncipe em farrapos. Aceito. É o monge que faz o hábito, sabem, e não o contrário. — Executou alguns passos como se estivesse a fazer esgrima. Acenando para Rialus Neptos, acrescentou: — Parece-me que Rialus Neptos entende isto melhor do que a maioria de vós.

O segundo guarda continuava a gaguejar enquanto os seus dois companheiros pediam perdão. Vários dos guardas Merah que haviam chegado depois curvaram-se, fazendo uma vénia, até ao chão. Rialus tentava compor uma pergunta ao príncipe sobre o que acontecera à roupa que trazia; sentia quase como um insulto perguntá-lo; em vez disso fez uma série de outras perguntas, não deixando intervalos suficientes entre elas para poder ouvir as respostas. Dariel explicou por alto que se encontrava ali para ver a rainha por assuntos de estado. Já deveria estar a caminho, mas talvez Rialus preferisse interrogá-lo primeiro... Demonstrou a sua indiferença com um gesto da mão. Não

se importava de ser atrasado por cada Marah que desejasse questioná-lo. Claro que a rainha não gostaria de ser deixada à espera

Momentos depois, Dariel apressava-se pelos corredores, com Rialus atrás de si, fazendo sinais furiosos com as mãos, braços e rosto para os soldados ou guardas que talvez pensassem em interceptá-los. Pelos olhares confusos homens e mulheres lhe dirigiam, era óbvio que poucos entendiam as suas caretas. Pelo menos até reconhecerem o rosto de Dariel. Apesar do traje andrajoso, o príncipe caminhava com garbo, seguro e num porte militar. Todos os que o poderiam ter interpelado se iam afastando para o lado.

— É verdade o que ouvi dizer de ti, Rialus? — perguntou Dariel.

— O que haveis ouvido, senhor?

Dariel não abrandou o passo, mas olhou de soslaio para o conselheiro, com um canto da boca erguido num meio sorriso.

— Que encontraste o amor, Rialus. Que encontraste harmonia num casamento com uma mulher que foi antes tua criada. Não fazia ideia de que tinhas um espírito tão aberto, embora tivesse ouvido dizer que andavas à procura de... bem, uma esposa que te completasse.

Tratava-se de uma história que corria há alguns anos. Rialus, uma vez instalado numa quinta que antes pertencera aos Mein, durante o governo de Hanish começara a enchê-la de mulheres jovens e atraentes. Corria o boato de que nem todas sabiam como manter a casa de um funcionário do governo em ordem, mas eram na maioria jovens roliças. Dizia-se que algumas tinham vindo diretamente de casas de prostituição e serviam apenas Rialus no seu considerável apetite carnal. Quem o poderia culpar — encerrado em Cathgergen, durante todos aqueles anos da sua juventude? Dariel não sentia superioridade alguma perante ele em relação a isto. Nem sequer condenava Rialus por ter casado com uma criada. Na verdade, invejava-lhe a liberdade de poder casar com quem bem quisesse. No que lhe tocava, Dariel não tinha essa liberdade, como Corinn já esclarecera firmemente.

— Não precisas de te explicar — interpelou Dariel, interrompendo-o antes de Rialus dar início a mais uma das suas atabalhoadas e longas explicações. Deu-lhe uma palmada no ombro magro, sentindo-o retrair-se com o toque. — Sê feliz, Rialus. Faz-lhe um filho. Torna-te imortal...

A voz do príncipe esmoreceu ao afastar-se. Acabara de subir a

escadaria e dirigiu-se ao pátio para apreciar a vista. Como sempre, era maravilhoso contemplar os terraços de Acácia, construídos por ali abaixo até ao mar. Os terrenos espraiavam-se em cascatas, nível a nível, fundindo-se como um labirinto por entre escadarias e muralhas, com as grandes casas situadas no cimo e as mais pequenas lá em baixo. Corinn mandara-as pintar de novo, tanto para anunciar o regresso da dinastia Akaran ao poder como para representar a nova era em que ela acreditava estarem a entrar. Assim, os telhados, espirais e globos até lá abaixo resplandeciam em tons de azul celeste, carmesim e cor-de-laranja, castanhos e prateados, tremeluzentes como as águas do mar ao sol.

No fundo, Dariel achava tudo aquilo algo espalhafatoso. Um dia estivera quase a comentar que aquelas cores condiziam com o gosto extravagante de um posto avançado de piratas das Ilhas, mas guardou para si o que pensava, certo de que Corinn não gostaria da comparação. Ainda assim, espalhafatosa ou não, Acácia incorporara as mudanças dos seres humanos com calma e flexibilidade. Ocorreu-lhe de súbito a dúvida sobre se a ilha continuaria a sobreviver a todos os impérios, eterna na sua beleza e glória, depois de os homens terem já deixado de a reclamar como sua. O mar rodeá-la-ia tal como agora. O sol nasceria numa ponta do horizonte e pôr-se-ia numa outra, tal como naquele momento. De certo modo, esta ideia de uma Acácia solitária era um pensamento agradável, apesar de Dariel não ter a certeza da razão porque seria assim. Deveria querer que o seu povo ali reinasse eternamente. Queria-o, claro. Porém, como aprendera, é possível desejar-se duas coisas opostas ao mesmo tempo.

Depois de o conselheiro o ter anunciado, Dariel deixou Rialus à entrada do gabinete de Corinn. Ao entrar no aposento, o príncipe apercebeu-se de um cheiro que muitas vezes já sentira à volta da irmã. Era um odor algo diferente do das infusões que borbulhavam tranquilamente em pequenos potes, por toda a sala, algo distinto do perfume dos arbustos floridos em grandes vasos, na varanda dos aposentos dela. Talvez fosse um óleo ou essência que usava, um perfume muito próprio. Era estranho, pois não achava particularmente agradável aquele odor tão forte e seco.

Corinn aguardava-o. Encontrava-se sozinha, com os braços cruzados sobre a cintura, o rosto composto como se tivesse previsto o momento exato em que ele entraria. Desenvolvera uma tendência

para se apresentar sempre perfeitamente preparada para tudo, sem nunca manifestar surpresa. Isso era outro pormenor na irmã que o deixava incomodado. O sorriso que apresentava não podia ser senão genuíno, espontâneo. Tratava-se de outra característica que ele notava nos últimos anos. Corinn mudava tão completa e rapidamente de uma atitude reservada para uma familiaridade de rapariguinha que, quando se encontrava numa disposição de espírito, era impossível imaginá-la na outra.

— Em que estado estás, Dariel! — exclamou. — Queres que me ria. É isso? Olha para ti!

— Mandaste-me numa missão em que tive de trabalhar como um escravo — retorquiu Dariel, erguendo os braços e rodopiando para que ela o visse bem — e assim venho até ti, com este aspeto.

— Aaden está ansioso por te ver, sabes? Mas, se fores ter com ele assim, é capaz de empunhar a espada e desafiar-te para um duelo. — Aproximou-se, aceitando o abraço do irmão, mas por pouco tempo, depois retraiu-se. Afastando-se, observou-o. — Vamos sentar-nos um pouco e conversar.

Momentos depois estavam ambos reclinados nos cadeirões de pele macios, um em frente do outro, com uma mesinha em pedra entre os dois. No centro do tampo ardia um lume pequeno que dava à sala um calor agradável. Um criado dispôs dois copos de vinho quente sobre a mesa e retirou-se.

— Diz-me — começou Corinn, pegando num copo e aquecendo as mãos no recipiente. — Conseguiu o que querias?

Ele fez um gesto de assentimento. Tinha as suas próprias perguntas a fazer e achou que deveria ser ele o primeiro a ser informado.

— Que notícias tens de Mena?

— Mena está bem. Acabou praticamente a missão de que a incumbiste. Melio encontra-se bem também, assim como Kelis. Cumpriram maravilhosamente as tarefas que tinham a seu cargo. Sei que em parte gostarias de ter estado com eles, à caça daquelas aberrações, talvez protegendo a tua irmã, mas a Mena não precisa de proteção. Tinhas razão quando me propuseste que te enviasse nesta missão de caridade. Agora, fala-me sobre ela.

Dariel pegou na taça de vinho, aspirou o aroma das especiarias e começou uma longa explicação em resposta à pergunta da irmã. No último ano descobrira uma alegria especial no trabalho diário,

ACÁCIA

uma felicidade que nunca conhecera antes. Tinha a ver com o facto de estar tão cansado da guerra, da pirataria, da violência, de ver os seres que amava arrebatados pela morte. Durante vários anos, depois da guerra com Hanish Mein, Dariel comandara as forças que haviam perseguido os sobreviventes do Mein — pelo menos, os que estavam implicados em algum tipo de rebelião. Acabara com todos os focos de revolta por todo o império, numa altura em que cada povo tentava apropriar-se de um pouco mais dos territórios do mapa do Mundo Conhecido, antes de tudo voltar ao normal novamente. Ficara espantado ao ver que na paz podia existir tanta violência como na guerra. Os conselheiros tinham-lhe afirmado que era esse o processo normal que se seguia às guerras, mas, mesmo assim, isso perturbava-o. A guerra que haviam travado não fora uma guerra qualquer. Fora a guerra de Aliver! A que estabeleceria um mundo novo e mais justo, para que não viessem a existir mais guerras a travar no futuro. Todos diziam acreditar nisso; porém, parecia-lhe também que poucos agiam como se o acreditassem verdadeiramente.

Quando por fim a paz ficou estabelecida, deu por si invadido por uma sensação de incómodo. Não tinha pretensões ao trono, embora o pudesse ter reclamado como herdeiro varão que era. Não sentia atração alguma por esse género de poder. Não tinha vontade de deambular pelo palácio cortejando as nobres, como Corinn queria que fizesse. Nem podia regressar às Ilhas Distantes e navegar novamente aquelas encostas cinzentas aquáticas. As ilhas estavam agora completamente nas mãos da Liga dos Navios, num acordo que Corinn urdira com total responsabilidade. Assim, as ilhas pertenciam atualmente à Liga, constituindo um estado separado no seio do império. Era uma espécie de compensação aos representantes da Liga, esclarecera Corinn, pela façanha de Dariel ao destruir as Plataformas. Dariel só mais tarde compreendera porquê, mas Corinn ficara bastante irritada ao tomar consciência do papel que Dariel tivera nesse ataque. Este destruíra bastante a capacidade que a Liga tinha de fazer comércio marítimo através das Encostas Cinzentas. Tinha-lhes custado milhares de vidas da Quota e centenas de almas das suas próprias forças. Fora um sucesso tão colossal que Corinn tivera de aquiescer em lhes dar mais do que gostaria. Além disso, a rainha sugerira que precisaria de ceder ainda mais para obter da Liga a promessa de que Dariel não acabaria morto em qualquer acidente misterioso, envenenado ou

desaparecido de forma enigmática. O facto de ela acreditar que eles seriam capazes de tudo isso deixou-o arrepiado.

Assim, à medida que se sentia mais calmo, começara a ter sonhos — pesadelos, na verdade — sobre o dia em que Aliver morrera. De início Dariel pensou que se tratava de uma espécie de luto que adiara, mas, quando os sonhos se tornaram cada vez mais intensos, compreendeu que se tratava de algo mais. Sonhava constantemente com a seqüela do duelo, assim como com a morte de Maeander Mein. Fora ele quem a ordenara, apesar de Aliver ter prometido proteção a Maeander, caso este vencesse, e concordado com os pormenores do duelo em relação ao respeito pelo adversário. Dariel não tinha sequer a certeza de ter tocado no homem com a espada, mas pedira a sua morte, apesar de o ter implorado num murmúrio, e fizera de todo o seu povo cúmplice de um assassinio. Fora um modo abominável de manchar os momentos sagrados que se haviam seguido à morte do irmão. À medida que o tempo passava sentia cada vez mais vergonha do seu ato. Ansiava com um fervor crescente por uma maneira de conseguir viver sem remorsos, de fazer todos os possíveis na vida que tinha ainda pela frente de modo a poder sentir-se como uma força positiva para o bem do mundo.

Fora Wren quem lhe sugerira que arranjasse uma tarefa para se ocupar. Não um trabalho em que tivesse de exercer violência, não se trataria de uma missão militar.

— Porque não dedicares-te a construir? — perguntara ela. — Provavelmente serás tão capaz de o fazer como eras capaz na pirataria e sabotagem. — Wren teve de lhe sugerir isto várias vezes antes de a ideia criar raízes nele. A maravilhosa e calma Wren, penetrante como uma navalha em mais do que um aspeto.

Quando Dariel levou a proposta de reconstrução das províncias a Corinn, achou a irmã bastante agradada com a proposta. Com a bênção da rainha, partiu na missão a que se dedicou de corpo e alma. Como Wren sugerira, pôs-se a construir. Chegou a Killintich com um pequeno exército de agrimensores, arquitetos, historiadores e operários. Outrora orgulhosa, a capital de Aushenia sofrera imenso com a destruição da guerra e depois com o abandono desde a invasão numrek. Dariel lançou-se ao trabalho de reconstruir a cidade arruinada tijolo a tijolo. Trabalhava com os operários, lado a lado, cavando valas, resvalando nos canais, carregando pesados fardos às

ACÁCIA

costas. Nunca trabalhara tão arduamente e sentira-se muito bem a fazê-lo. O trabalho poderia ter sido apenas uma tentativa para se manter ocupado, mas ele esperava que fosse algo mais e que estivesse a fazer boas obras e pelas razões certas. Era importante para ele que isso fosse verdade.

Descreveu a Corinn os pequenos momentos que nunca esqueceria. Como tinha gostado de se sentar em redor das fogueiras com os habitantes da cidade, comendo guisados em tigelas de madeira, falando de coisas tão simples como o tempo e as colheitas. Acolhia feliz a fadiga com que se deitava todas as noites, feliz por nada ter roubado, por não ter morto ninguém nem ter arquitetado planos de destruição. Gostava de dormir nos colchões de palha, observar os gatos do celeiro caçar ratitos e ouvir — como escutara uma vez, numa aldeia perto do Estreito de Gradthic — dois mochos piando durante toda a noite. Numa estrada ao largo de Careven fora abordado por um rapazito louro que lhe oferecera uma coroa tecida de ervas. Numa cerimónia comemorativa em Aushenguk Fell, uma velha aproximara-se silenciosamente dele por trás. Sem dizer palavra, encostara o peito magro às suas costas e abraçara-o.

— A mulher nada pesava — disse Dariel —, era leve como um passarinho. — A velhinha nada dissera, mas o príncipe teve a certeza de que com aquele gesto a mulher lhe demonstrava a sua gratidão.

— Como só podia ser — disse Corinn. — Não sei de empresa semelhante realizada por outro Akaran ao longo de todas as gerações que governaram. Prestaste-nos um enorme serviço. O povo diz bem de ti. Aprendi contigo, irmão.

Dariel sorveu um longo gole de vinho para esquecer os pensamentos que lhe ocorreram ao ouvir isto. Ela pensava acima de tudo na governação e na reputação, nos destinos do império. Talvez, como rainha, tivesse de o fazer, mas ele queria lembrar-se do bem que fizera pelo povo que servia, não do que fizera em prol dos Akaran.

— Ainda há tanto a reconstruir — prosseguiu. — Nem sei bem o que fazer a seguir. Deve haver alguma forma de lidarmos com o problema da seca em Talay. Sei que talvez pareça uma ideia estranha, mas temos de convencer aquela gente do continente a começar a plantar novas árvores para substituir as que foram cortadas nas Florestas de Eilavan. Passei lá perto, a caminho de Aos, e vi milhares de troncos e de fetos, apenas, nada comparado ao que aquela floresta era

antigamente. — Fez uma pausa, por nenhuma outra razão do que a de ter percebido algo na atitude paciente de Corinn indicando que o estava a tolerar, que tinha qualquer coisa a dizer, mas que o estava a deixar tagarelar primeiro. — O que é?

— Ouvi dizer uma coisa que não me agrada nada, Dariel. Foste bastante crítico em relação às minhas medidas.

De repente, sentiu como que uma mão fria a agarrar-lhe o coração. As palmas das mãos latejavam com a pulsação subitamente acelerada. Que sensação absurda. Corinn era irmã dele! Ali não havia perigo, por mais que o seu corpo estivesse em estado de alerta.

— Não critiquei — retorquiu. — Não sei o que queres dizer.

— O rei Grae queixou-se a ti sobre os elevados impostos sobre os portos aushenianos. Tu, contaram-me, disseste... lembraste do que disseste?

Ele lembrava-se, mas abanou a cabeça, encolhendo os ombros.

— Tu disseste: «Talvez tenhais razão». Como pudeste dizer isso? Compreendes até que ponto isso mina a minha autoridade?

— Não quis dizer isso. É apenas que eles nos pagam por...

— Não me questiones! Eles pagam-nos pela possibilidade que lhes concedemos de prosperarem — pela paz de que usufruem para poderem fazer comércio. É isso que lhes proporcionamos; o que nos pagam é aquilo que é justo. Se lhes entregássemos de mão beijada o seu comércio, estaríamos a dar-lhes a primeira pedra da sua independência.

Isso seria assim tão mau?, pensou Dariel, mas não ousou dizê-lo.

— Não podemos fazer tal coisa. Nem sequer devemos sugerir que isso seja possível. Grae não sabe o que é bom para ele. É como uma criança que só comeria doces, se pudesse. Ficaria feliz — até os dentes lhe caírem todos. Não, o único caminho para a prosperidade no Mundo Conhecido é o meu caminho, o caminho Akaran. Nunca mostres que duvidas disso, e certamente nunca à frente de estranhos.

Corinn respirou fundo, passou a mão pelo rosto e mudou de atitude. Com uma voz mais calorosa e complacente, prosseguiu:

— É muito bom que te tenhas já empenhado e dado tanto e que continues com vontade de continuar com essa obra. O pai teria ficado orgulhoso. Aliver teria ficado orgulhoso. O atraso em retomares essa missão será pequeno, tenho a certeza. — Pousou a taça, em que

não tocara, pelo que Dariel conseguia ver, e inclinou-se para a frente na cadeira.

— Estou orgulhosa de ti também, meu irmão, mas tenho uma missão importante para te confiar. Ocorreu um contratempo nas Outras Terras. Preciso que me ajudes a resolver isso.

Enquanto a escutava, Dariel vacilava entre uma vaga sensação de empolgação e o terror. A Liga estivera em contacto com os auldek, aquele povo misterioso para quem tantas crianças eram enviadas como escravas. As coisas não tinham corrido bem, e, agora, a Liga precisava de ajuda. Para ele, a proposta da irmã era difícil de conceber.

Corinn estava a dizer-lhe que ele teria de empreender uma viagem e cruzar as Encostas Cinzentas! Teria então de atravessar então aquelas ondas gigantescas como montanhas — se é que as histórias que contavam sobre aqueles mares eram verdadeiras — e poderia contemplar os cardumes maciços de peixes-lobo, animais aterradores a que só a Liga encontrara modo de escapar. Iria, por fim, ver as Outras Terras. Era espantoso, algo que nenhum acaciano, que se soubesse, jamais fizera.

— Serás meu embaixador — continuou Corinn, sorrindo como se nisto residisse alguma ironia dele desconhecida. — Representar-me-ás e terás toda a minha autoridade. Tu, Dariel, estás encarregue da mais importante missão que já pedi a alguém. Se deixássemos de fazer comércio com estes estrangeiros seria muito mais desastroso para nós do que Hanish Mein alguma vez foi. Não estou a exagerar. Hanish podia ser morto a qualquer momento e afastado do poder. Com facilidade. Porém, se não retomarmos o comércio da bruma...

— Não me digas que queres recomeçar com isso?

— Quero sim. Para! Sei o que pensas sobre isso. Sei o que Aliver prometeu. Mas ele não está aqui. Não podemos continuar indefinidamente a trocar Quota por pedras preciosas, metais e bugigangas. Esse comércio foi patético, insustentável. Precisamos de voltar à estabilidade que mantém unida esta nação há vinte e duas gerações.

Dariel ia começar a protestar, mas Corinn elevou a voz.

— E falo disso sob dois aspetos diferentes. Primeiro, temos parceiros — a Liga, os lothan aklun, talvez os auldek — que esperam coisas de nós, que investiram em nós, há tanta coisa em jogo. Queres que sejam todos nossos inimigos?

Dariel ia responder, mas Corinn não se interrompeu.

— Não, claro que não. Em segundo lugar, o povo nas províncias começa a queixar-se. Diz-me lá se não sabes que isto é verdade. Resmungam, conspiram e maquinam para criarem instabilidade. Será só uma questão de tempo, Dariel, até se revoltarem. Isso não trará bem a ninguém. Apenas caos. Sofrimento.

Desta vez Corinn deu tempo ao irmão para falar. Contudo, ele não soube o que dizer. A irmã não estava errada. Existia um grande descontentamento nas províncias. Ele sentira-o, velado, nos olhares das pessoas. Mesmo quando estava a trabalhar para bem do povo, sabia que não o aceitavam nem ao seu trabalho tão aberta e completamente como desejaria.

— Agora, entende isto — prosseguiu a rainha. — Não os irei drogar como antes fazíamos. Não será a mesma coisa, Dariel, prometo.

Prometes que não será pior?, pensava Dariel. Que não arranjarás novas formas de os dominares?

Corinn levantou-se, alisou o vestido e aguardou que Dariel se levantasse também. Quando ele o fez, estendeu-lhe os braços, com as palmas das mãos para baixo e os dedos procurando os dele.

— Vai ter com eles, irmão, tenta acalmá-los e garantir a continuidade das negociações de paz. Sem isso, corremos sério perigo. Não temos culpa alguma do sucedido. Tudo o que tens a fazer é convencê-los disso e seduzi-los.

Dariel levou alguns momentos a responder. Em parte queria recusar o pedido da irmã, mas isso não era fácil de fazer. Aliás, ele seria certamente um muito melhor emissário do que qualquer outra pessoa que ela enviasse. Talvez, ao conhecer em carne e osso os lothan aklun e os auldek, aprendesse como funcionavam e descobrisse um modo de alterar a natureza do comércio que mantinham. Corinn queria que ele fosse pelas razões dela, mas talvez ele conseguisse um modo de fazer comércio com qualquer outra coisa que não fosse a Quota de escravos e bruma. A irmã não o culparia por isso — não, se ele lhe trouxesse um novo acordo para substituir o antigo. Talvez fosse até uma oportunidade para dar um primeiro passo nesse sentido. Dariel tentava acreditar que detetava estas possibilidades por trás das palavras da irmã, mas algo nele o impedia de mencionar estes pensamentos diretamente.

— Quando terei de partir? — perguntou, surpreendido por as primeiras palavras que proferia significarem que aceitava a missão.

— Embarcarás com *Sire Neen* dentro de dois dias. Ele começou os preparativos da viagem assim que soube que tinhas regressado são e salvo. Não te deixes distrair. Compreendes? A Wren não irá contigo.

Dariel deve ter expressado desilusão no rosto, embora inconscientemente.

— Como líderes, pouco do que nos cabe fazer é fácil. Sabes disso. Estamos sempre perante desafios enormes. Não duvido de que não apreciarás muito o tempo que passares com *Sire Neen*, mas por agora não temos outra escolha senão a de ter a Liga como aliada.

Durante uns instantes, Dariel voltou a sentir-se um rapazinho, tão confuso e desesperado como quando o guarda o arrebatara de Kidnaban e o levava para anos de exílio. Isto, por sua vez, fê-lo pensar em Val, que o protegera durante anos, tanto quanto o seu pai, o rei Leodan.

— Isto é mesmo realidade, Corinn? — inquiriu, tentando manter a voz calma. — Vais novamente enviar-me numa missão antes sequer de ter descansado um pouco? Que líder dura és, mana.

Corinn achou alguma piada à observação. Um leve sorriso assomou-lhe aos lábios para logo se desvanecer quando falou.

— Tenho de ser, irmão. Sou a rainha.

— E em relação ao meu trabalho?

— Oh, continuará a ser feito. Eu própria me ocuparei disso.

Dariel, apesar da sua inquietação, riu-se.

— Tu, irmã, vais fazer obras de caridade entre a população?

— Assim farei — retorquiu Corinn, sorrindo-lhe com todo o esplendor da sua beleza. — Não da mesma maneira que tu. Mas tenho planos sobre isso. Tenho de ter. Como te disse, sou a rainha.

Pouco depois, Dariel caminhava descalço nos seus aposentos. No ar pairava a fragrância do incenso forte de que Wren gostava. As candeias ardiam, baixas, não propriamente iluminando o quarto, mas realçando as silhuetas dos móveis, permitindo-lhe ver onde se encontravam e dirigir-se até aos quartos interiores. Sentia uma necessidade profunda de falar com ela, de lhe explicar o que lhe fora

proposto e arranjar um modo de a amante ir com ele, mesmo apesar de saber que ela não estava autorizada a ir. Wren não era muito faladora nem sentimental, mas isso não o impedia de tentar falar com ela, de tentar despertar-lhe a emoção que ele sentia.

Encontrou-a sentada na cama à sua espera. Dariel aclarou a voz para se anunciar e ela olhou para ele. Wren levantou-se. Usava um roupão de cetim, comprido e com bordados intrincados. Ao ir ao encontro dele, Dariel já preparara várias frases para a saudar, mas a sensualidade com que ela caminhava e o movimento das suas ancas tiraram-lhe as palavras da boca. Wren desapertou o cinto e deixou o roupão escorregar-lhe pelos ombros, continuando a andar, esbelta e maravilhosamente bem formada. Wren sorriu e Dariel também. Nenhum deles pronunciou palavra.



CAPÍTULO

QUATRO



❧ O homem passara demasiados anos a trabalhar nas minas de Kidnaban para agora conseguir andar totalmente ereto. Sabendo que teria mais alguns momentos sozinho, não tentou endireitar-se. Encostou-se à parede do armazém, escutando a discussão abafada que vinha da sala contígua. Fora sempre alto, mesmo em rapazito, elevando-se acima de todos desde a adolescência. Porém, isso fora nos tempos em que conseguia andar completamente direito. Tivera poucas oportunidades de o fazer durante os anos em que trabalhara nas minas. Quando deambulava pelos corredores subterrâneos tinha de andar agachado ou fora obrigado a vergar-se com o peso dos fardos que carregava aos ombros, ao subir as escadarias intermináveis que vinham das profundezas à superfície. Depois de vinte anos nessa labuta, as costas estavam agora vergadas em pontos onde nunca haviam estado na juventude. Só se sentia confortável numa posição: enrolado sobre si e deitado de lado, nos instantes antes de adormecer. Fora essas alturas, sofria horrivelmente. Dizia a si próprio que era melhor assim; desta maneira nunca se esqueceria de como o seu trabalho era importante para ele acima de tudo.

De súbito, abriu-se uma porta abruptamente e apareceu um homem; pestanejando à luz do dia e perscrutando em volta com uma mão sobre os olhos.

— Barad! Aí estás tu. Anda, eles vão ouvir-te agora. — Fez um gesto ao homem corpulento para que se aproximasse. Quando Barad se aproximou, o outro homem agarrou-o pelo cotovelo e falou entu-

ACÁCIA

siasticamente. — Estás seguro aqui, meu amigo. Não tenhas medo enquanto estiveres aqui em Nesreh. Aqui somos todos amigos.

Barad, *o Pequeno*, deixou que o levassem.

— Sei disso — proferiu. Tinha uma voz grossa e desconexa. — São boas pessoas, Elaz. Não estaria aqui se não fossem.

Ao entrarem na sala, Barad pouco viu. Estava fracamente iluminada por uma luz coada através de ranhuras no teto alto e lâmpadas de vidro escurecido pelo fumo. Sentiu imediatamente — pelo calor húmido, o cheiro a corpos e os sons abafados — que o armazém se encontrava cheio de gente. Estavam à espera, calados, agora que ele se encontrava por fim entre eles.

Fazendo um grande esforço para manter o rosto sereno, Barad endireitou-se. Ergueu o rosto, de narinas anelantes ao respirar, esforçando-se por reunir a calma de que precisava para se manter naquela posição. Talvez devido ao esforço, o efeito que causava ao fazer isto era considerável. Era um homem alto, de pernas e braços compridos, mãos enormes com nós que qualquer brigão de rua teria invejado. Sentiu o olhar dos outros em si, impressionados, talvez cautelosos. Tivera sempre aquele efeito nas pessoas, por isso não se apressou a falar. Que o vissem por uns momentos. Que reparassem na determinação das suas feições rudes, na maneira como os seus olhos pesados denotavam a tranquila melancolia da força que o animava. Nunca tivera bem a certeza de sentir isso em si, mas sabia que os outros o viam e convinha-lhe que assim fosse.

Após Elaz o ter apresentado, começou a falar.

— Se quiserem ouvir — começou —, contar-vos-ei uma história.

Ouviram-se as vozes de algumas pessoas afirmando que queriam ouvir. Outras bateram com as mãos no peito em sinal afirmativo. Agora Barad conseguia distinguir alguns dos rostos. Rostos cansados. Rostos de pessoas que trabalhavam demais, com os traços que caracterizavam aquelas gentes da costa, que viviam num isolamento relativo no litoral de Talay. Distinguiam-se das raças do Mundo Conhecido em muitos aspetos, corados, maçãs do rosto largas, nariz curto. Porém, a curiosidade e a fome desmaiada que lhes transparecia no olhar não eram diferentes do que ele vira em outros rostos através do império. Era por isso que estava ali, para lhes falar.

— Contar-vos-ei a minha história, com a esperança de que, ao ouvi-la, escutem também a vossa história. Com a esperança de que

compreendam que muitos de nós partilhamos a mesma história, que é uma história trágica.

Explicou então que nascera nos campos em redor das minas de Kidnaban. Fora criado sabendo que a sua vida seria dedicada a extrair o precioso metal das entranhas da terra. Seria tudo o que teria na vida: trabalho. A vida íntima que pudesse vir a ter seria vivida nos intervalos do trabalho. Amar, criar filhos, aprender coisas sobre o mundo: todas estas coisas aconteciam apenas em momentos roubados ao labor. Aos cinco anos era carregador de baldes de água, com sete anos peneirava, ajudava com os vagões aos oito anos. Aos dez já era suficientemente alto para carregar pequenos sacos. Aos doze anos trabalhava como escavador, vingando toda a raiva que sentisse nos túneis sem fim do interior da terra. Fizera isso durante muito mais anos do que gostava de contar. Nada sabia sobre o mundo exterior, vivera noite e dia sob o olhar vigilante dos guardas colocados nas grandes torres; chicoteado pelos capatazes; desdenhado; acorrentado, muitas vezes. Não entendia porque trabalhava assim. Não percebia a economia com que o mundo funcionava e como as pepitas que arrancava da terra iriam enriquecer outros homens em terras longínquas.

Como seria possível ter uma vida assim? Havia duas coisas que a tornavam possível. Uma, a droga a que chamavam bruma.

— Já ouviram falar dela, tenho a certeza. Creio que até a conheceis bem. Todas as noites — ou todos os dias, dependendo do turno em que trabalhava — podia inalar o fumo esverdeado e sonhar com uma vida verdadeira. A outra coisa que tornava o seu trabalho suportável devia-se a ter conseguido, apesar de tudo, encontrar momentos em que era um homem. Amara uma mulher e fizera-lhe um filho. Viu a criança nascer e viver alguns anos preciosos, momentos fugidios em que se sentiu pai.

— Contudo, perdi esse filho — confessou Barad. — Perdi-o a ele e à mãe. — Pigarreou e manteve-se em silêncio alguns momentos. Pensava sempre antecipadamente que, da próxima vez, explicaria como os havia perdido, mas — como acontecera centenas de vezes antes — sentiu a voz a embargar-se-lhe. Conseguiu com esforço continuar, acabando por não o dizer.

Nos meses anteriores à segunda guerra entre os Akaran e o Mein, começara a ouvir uma voz nos seus sonhos. Não sabia que a

ACÁCIA

guerra estava para vir, a não ser por um murmúrio trazido pela brisa vinda de terras longínquas, e que o seu espírito toldado pela bruma captou. Ali, caído nos subterrâneos das minas, dentro da sua própria cabeça, escutou as palavras do príncipe, vindas de muito longe. Aliver encontrava-se a milhares de quilômetros, mas arranjava um modo de comunicar com Barad. O que dizia ele?

— Dizia que o mundo iria mudar. Contou-me que estava de regresso do seu longo exílio e que, com o poder dos povos do império que o seguissem e com a ajuda dos antigos, iria não só derrubar Hanish Mein do poder mas também destruir toda a ordem do mundo. Acabaria com o vício da bruma como o vento dispersa a neblina das manhãs. Incendiaria os navios da Liga e expulsaria os numrek e, mais importante ainda, nunca mais venderia os nossos filhos à escravidão desconhecida para lá das Encostas Cinzentas. Não fui o único a ouvir estas coisas. Nessa altura houve muita gente a afastar-se da bruma, mas — sorriu, batendo nas têmporas — esta minha cabeça é maior do que o normal. É como um sino que ressoa mais alto do que os outros, e por isso ouvi claramente coisas que os outros só pressentiram.

E acreditara em tudo aquilo, admitiu. Tinha fome daquelas possibilidades. Ansiava por acreditar naquelas notícias. Porque não haveria de acreditar? Recordava-se de tudo o que ouvira e começou a gritar o que escutara aos trabalhadores à sua volta. Às horas da refeição falava para os grupos reunidos enquanto comiam, que mantinham a cabeça baixa, tentando ignorá-lo. Berrava pelos corredores e protestava pelas escadas acima. De início ninguém lhe prestava atenção. Por vezes, os guardas castigavam-no, mas consideravam-no, no fundo, um louco inofensivo. A pouco e pouco, contudo, muito lentamente, cada vez mais pessoas viam os seus sonhos de bruma transformarem-se em pesadelos. Os olhares começaram a segui-lo. Rostos sombrios erguiam-se da gamela da comida quando ele falava. Por fim, muitos vieram ter com ele, tantos que se tornaram multidões, sedentas da mensagem de Aliver. Ele dava-lhes a boa nova, e sentia a esperança crescer naquela gente. Milhares e milhares de pessoas, abrindo os olhos a uma nova luz, animadas por um desejo ardente de um futuro melhor.

— O meu primeiro erro foi o de ter gritado muito alto. As pessoas escutaram-me, sim, mas também os espiões de Hanish Mein. No instante em que nos revoltámos, o tirano descarregou a sua fúria

sobre nós, com setas e fogo, lâminas de aço e uma raiva inflexível. O que éramos nós — que, como arma, apenas tínhamos a esperança — para poder lutar contra a força de um império? Esse foi o meu primeiro erro. Teria sido o último, também, se Aliver não tivesse travado aquela guerra.

Quando o príncipe o fez, Hanish tivera de voltar a sua atenção para a grande horda que marchava contra ele através de Talay. Barad fugira das minas durante o caos que se instalara, mas estava muito longe para conseguir alcançar Aliver antes de ele morrer. Nunca viu o seu príncipe, mas pressentiu o momento em que a sua voz se silenciou para sempre.

— Esse foi um dia trágico, amigos — desabafou Barad, suspirando fundo. Deixou que a dor lhe transparecesse no rosto. Sabia que chorar assim em público era um truque de orador, mas nele a manifestação era sincera. Sofria ao recordar-se do momento em que deixara de ouvir aqueles sussurros. Nunca mais sentiu uma perda tão grande desde então. De tempos a tempos ainda se recordava da voz, tanto que, por vezes, se imobilizava, de cabeça inclinada, à escuta, ainda.

Continuou o relato, falando depois das sequelas da guerra. As pessoas tinham dificuldade em comunicar, e Barad tornara-se um vagabundo, mantendo-se de preferência afastado das minas, encontrando alguma felicidade na alegria de viajar, mas sem já ter a certeza do seu objetivo. Como toda a gente, levou algum tempo sem saber o que pensar da nova rainha. Era tão bela, diziam. Fora tão inteligente ao derrubar Hanish Mein, em usar os numrek contra os do Mein e, de algum modo, em ter convencido a Liga a retirar o apoio a Hanish. Fora, no primeiro meio ano do seu reinado, adorada por toda a população. Aliver transformou-se imediatamente numa lenda; ela tornara-se a sua herdeira; a encarnação feminina viva dos ideais do irmão martirizado. Aliver não sobrevivera, mas a irmã sim, o que significava que ainda existia esperança.

— Mas as coisas não correram assim, pois não?

Um coro de vozes anuiu.

— A rainha não é como o irmão — disse um dos homens —, em nenhum aspeto, exceto o de usar o mesmo nome; isso nada é.

Uma mulher acrescentou:

— É uma víbora, essa. Vendeu-nos o corpo e a alma, é a pior da sua espécie.

ACÁCIA

Barad deixou que todos comentassem à vontade. Aquelas pessoas estavam a conseguir a confiança necessária para exprimir a sua indignação, protestando, abanando a cabeça. Normalmente era assim que as coisas corriam. Não demoravam muito tempo a confiar nele. Porque não haveriam de confiar? Ele só dizia a verdade. Deixou que falassem uns com os outros alguns momentos. Quando pararam, Barad proferiu:

— Agora, esta história não é invenção nenhuma, pois não? Não é imaginação, não se trata da fantasia de um mero contador de histórias. Tudo o que vos disse é a verdade e tenho a certeza de que sabeis disso.

Os presentes bateram novamente com as mãos no peito e aplaudiram, indicando que sim.

— Sei que convosco não foi diferente, pois não, os pormenores, sim, mas o conteúdo é o mesmo. Vós, gentes do litoral, éreis outrora um povo orgulhoso. Labutavam no mar, apesar dos perigos que enfrentavam. Sabeis disto melhor do que eu. Porém, com Corinn como rainha, passaram de pescadores das Encostas Cinzentas a cultivadores de cereal, e isto numa única geração. Isto, na verdade, é feitiçaria. Não me interpretem mal. Vós deveis cultivar e colher cereais também. Não estou a dizer que esse trabalho vos humilha. Mas cada povo nasce com o conhecimento do que é, sabendo o que pode fazer melhor, conhecendo o trabalho dos pais, e o trabalho que os filhos farão. Era assim que as coisas aconteciam aqui em Nesreh, durante gerações. Porém, já não é assim agora. Em vez disso, acumulam cereal nos silos e enviam-no nos barcos para as Ilhas dos Perdidos, para aquele lugar onde criam os nossos filhos como escravos para os trocar por grandes riquezas para os bolsos da Liga, para os cofres dos Akaran. Em troca da droga que, pensam eles, nos torna ignorantes da nossa própria escravidão. Tenho razão ou não?

Alguns dos presentes disseram que tinha razão, mas nem todos estavam convencidos. Como poderiam eles saber o que realmente se passava lá longe?

— Compreendo que é difícil ter a certeza de tudo isto. Há muita coisa que nos escondem. Mas penso que todos concordamos que a rainha Corinn virá um dia a ser considerada como um mal ainda maior do que Hanish Mein. Muitos já a veem assim. No entanto, agora vejo o medo em alguns de vós. *Como posso eu dizer isto?*, interro-

gam-se. É um crime e o facto de me ouvirem faz parte desse crime. Digo-vos que não é verdade. Se não concordarem, não cometeram nenhum crime. Se concordarem, nada mais fizeram do que reconhecerem a verdade. Isso também não constitui crime.

Barad desceu do estrado onde estivera a discursar e começou a caminhar por entre a multidão. Caminhava lentamente, com um olhar meigo, por entre eles, mais alto do que qualquer um dos presentes. Gostava, nesta altura, de os olhar de perto e que o olhassem também. Baixou ligeiramente o tom de voz. No armazém reinava o silêncio, enquanto todos viravam a cabeça à medida que andava, seguindo-o com o olhar.

— Quero que trabalheis comigo para construirmos um mundo como Aliver Akaran sonhou. Trata-se de alta traição, sei disso, mas convido-vos a todos a serdes traidores comigo. Como posso confiar em vós? Serei sincero: faço a mesma pergunta a mim próprio todos os dias. O objetivo que tenho — que temos, se estiverem comigo — está repleto de perigos. Qualquer um de vós poderia ser um espião que trairia a nossa causa. Um de vós... bastaria um de vós. Então, como poderei eu confiar em vós?

Estacou à frente de uma mulher de meia-idade. Pegou-lhe na mão com os seus enormes dedos. Sentia nela o cheiro da labuta diária, o suor e a sujidade das tarefas em que andara ocupada antes de ter ido àquela reunião. O odor quase azedo da poeira dos grãos de cereal entretecido nos trajes simples. Falou como se estivesse a dirigir-se apenas a ela.

— Confio em vós porque tenho de confiar. Só unidos conseguiremos levar isto avante. Só unidos. Se não vos tiver comigo, nada tenho. Bem poderia arrastar-me até Kidnaban e oferecer as costas para mas partirem de vez. Mas, se não houver esperança para mim, também não haverá para vós. Rezo ao Doador que não seja esse o nosso futuro. — Ainda olhando para a mulher, dissera o que era sempre o mais difícil para ele. A única coisa que achava verdadeira e fingida ao mesmo tempo. Acreditava naquilo, sim, mas nunca sabia dizer se a sua fé era baseada na verdade ou se a verdade brotara dessa mesma fé. — Mas sei que não é esse o futuro que teremos. O Doador escolheu-nos para coisas maiores. Somos os Escolhidos. Aliver sussurra-me isto ao ouvido todas as noites. Ainda mo continua a murmurar. Somos o povo do Doador, diz ele. Temos apenas de despertar e agir.

ACÁCIA

— O que queres que façamos então? — perguntou Elaz, do alto da plataforma onde ainda se encontrava.

Barad largou a mão da mulher e voltou-se.

— Dizei a verdade sempre, todos os dias. Dizei-a às vossas mulheres, aos vossos maridos. Dizei-a aos vossos filhos. Dizei-a uns aos outros, tantas vezes até a conhecerem de cor. Àqueles de quem duvidarem, dizei apenas partes dela, ponham-nos à prova. Se for muito difícil para eles olharem para a árvore inteira, plantai neles primeiramente a semente da verdade. Cultivai o solo dos vossos vizinhos com amor e esperança tanto para eles como para vós próprios. Então, depois, sede pacientes. As sementes não crescem até o solo estar pronto, até vir a chuva e o sol e as suas promessas de vida.

— E quando chegará essa altura?

Voltando-se novamente para trás, Barad viu que fora a mulher de meia-idade a fazer a pergunta. Ele sorriu mostrando todos os dentes, como sempre fazia. Respondera centenas de vezes àquela pergunta em reuniões daquele género. Respondera àquilo em casebres paupérrimos em Candovia e nas aldeias de montanha em Senival, em Aushenia e entre os negros povos de Talay. Chegara até a trocar mensagens com o que restava do povo destroçado de Hanish Mein. Encontrara em toda a parte ouvidos ansiosos por o escutar e espíritos desejosos de despertar, gente de coração pronto a entrar em ação. Nessas alturas conseguia acreditar que Aliver lhe falara com um determinado propósito. Ele ainda poderia ajudar a tornar os sonhos do príncipe realidade. Nesses momentos, esquecia as dores que sentia no corpo e voltava a sentir-se mais forte do que nunca.

Respondeu, como sempre o fazia, com o que eles pensavam ser a verdade.

— Em breve — retorquiu. — Virá um dia em que pedirei a todos os povos do Mundo Conhecido que se ergam. Vós sois os Companheiros. Serei eu a gritar, mas o som que ouvirão será o da vossa própria voz, que derrubará para sempre o velho mundo e construiremos um mundo novo. A rainha não faz ideia do que está para acontecer. Mas nós sabemos. Em breve, meus amigos. Muito em breve.

CAPÍTULO

CINCO



Rialus Neptos estava plenamente consciente de que deveria sentir como uma honra o ser incluído naquela embaixada, mas não tinha muita propensão para se sentir honrado. No fundo, não imaginava nada mais desagradável do que a perspectiva de passar algumas semanas a bordo de um navio da Liga, cruzando os mares até ao fim do mundo. Rialus era com certeza um homem curioso, mas a sua curiosidade possuía limites muito restritos, e, além disso, tinha mais com que se ocupar dentro das fronteiras do Mundo Conhecido. Aliás, tinha bastante com que se ocupar dentro das paredes do seu quarto.

Desconfiava que Corinn ainda não o perdoara pelo seu súbito casamento com Gurta. Não imaginava por que razão se preocuparia a rainha com isso, mas parecia irritada com o assunto. De certeza que ele não era o primeiro homem a casar com uma criada! Na sua opinião, era até algo de muito respeitável, de honrado até, a fazer, especialmente porque ele lhe fizera um filho. Um herdeiro da fortuna Neptos. Isso era algo que ele não poderia deixar passar. Havia muito que se resignara com o facto de ser o último da linhagem Neptos. Aliás, quando vivia exilado nos territórios gelados do Mein, até lhe parecera uma boa ideia acabar ali com a infelicidade que se abatera sobre a família Neptos.

Porém, isso fora outrora. Agora, era o conselheiro da rainha Corinn Akaran, famoso por ter matado Hanish Mein. Nenhum outro momento na vida mudara tanto a sua sorte como o instante em que

cravara a faca em Hanish Mein. Ninguém saberia jamais quanto tempo hesitara no ato ou que, nesse momento, tivera de agarrar na faca com ambas as mãos para não tremer. Porém, fizera-o. Cumprira a missão! Hanish não passava, afinal, de alguém de carne e osso como qualquer outro homem. Devido a este ato, Rialus vivia no centro das atenções do mundo. Tinha agora uma posição proeminente. Agora — graças a Gurta se ter tornado uma senhora da noite para o dia — teria herdeiros a quem deixar a fortuna. O Doador recompensara o seu valor! Por vezes ainda lhe custava a acreditar.

Era nisto tudo que Rialus pensava enquanto acenava aos guardas para se manterem aos portões que levavam aos aposentos da Liga. Pertenciam ao Inspetorado Ishtat, uma força que não tinha ligação direta à rainha. Rialus sentia arrepios ao vê-los, sempre embuçados. Isso e aquelas alabardas que tinham sempre à mão. Ouvira dizer que conseguiam cortar uma pessoa ao meio a mais de dois metros e meio de distância com um golpe, ou, partindo a arma em dois, com a vara rachavam a cabeça e com a lâmina cortavam o corpo ao meio. E tinha sempre a sensação de que estavam desejosos de o fazer; por isso, ao vê-los, imóveis como estátuas, estugou o passo.

Uma vez nos aposentos anexos ao gabinete de *Sire Dagon*, pediram a Rialus que aguardasse. Sentou-se numa cadeira em ferro muito bela e delicada, mas extremamente desconfortável. Era essa a sensação que tinha sempre que se encontrava com alguém da Liga. Os escritórios eram sumptuosos, agradáveis à vista, com um aspeto confortável. Porém, nunca se sentara num cadeirão da Liga sem sentir que algo o incomodava nas costas ou um tecido que lhe irritava a pele. Nas paredes havia quadros pintados com os enormes navios cruzando ondas ainda mais gigantescas. O modo como navegavam essas ondas, as sombras negras por entre as águas, os dedos de espuma branca que tentavam alcançar as figuras humanas, minúsculas, no convés, faziam Rialus sentir-se enjoado. Esperava que as imagens fossem um exagero para impressionar ou então aberrações tumultuosas que ele nunca veria pessoalmente.

Desviou o olhar. Seria uma viagem curta. Quanto tempo duraria? Quatro semanas de travessia? Algumas semanas de estadia naquelas terras, depois quatro semanas para regressar. Não mais do que dois meses e pouco da sua vida. Poderia dar-se a esse luxo, tendo em conta que Gurta, grávida do seu herdeiro, estaria à sua espera. Tinha,

com certeza, de se preocupar com as incumbências de Corinn. Ainda no dia anterior ela falara disso.

— Tenho três tarefas para ti, Rialus — dissera ela. — Primeiro, mantém-te vigilante em relação ao meu irmão. Quero-o a salvo, e ninguém melhor do que tu para pressentir onde está o perigo. Quer venha da parte da Liga, dos lothan aklun, dos auldek ou das profundezas do mar, tens de descobrir onde há perigo antes que este atinja Dariel. Em segundo lugar, quero que estejas presente na reunião com a Liga, os lothan aklun e os auldek. Falas a língua numrek melhor do que qualquer outra pessoa que eu conheça. Talvez compreendas também a língua que falam os Auldek. Avalia-os por ti próprio e guarda o teu julgamento para ti somente, entendes? Tenta arranjar maneira de falares com eles a sós. É possível que um dia venhamos a lidar com eles sem a intervenção da Liga, por isso será bom que saibamos qualquer coisa sobre eles. Em terceiro lugar, claro, quero que regreses com um relatório pormenorizado de tudo o que viste. O meu irmão fará o mesmo, mas quero saber o que tens a dizer separadamente. Nunca na nossa história com os lothan aklun tivemos melhor oportunidade de aprender qualquer coisa sobre esse povo. Aproveita-a, Rialus. Usa-a tão bem que, quando voltares, eu não me arrependa de não ter ido eu.

A rainha falou de modo a que cada missão parecesse simples e, ao mesmo tempo, envolta num tom de ameaça. Corinn era muito hábil nisso. Ele teria de usar toda a sua inteligência, anotar todas as impressões diariamente e arranjar maneira de dominar o enjoo que sentia sempre que pensava nas ondas do mar. Quanto aos auldek... implorava aos céus que fossem mais requintados que os numrek! Contudo, seriam dois meses. Somente dois meses e estaria de novo em casa. Iria conseguir lidar com isso.

Quando por fim o introduziram no gabinete de *Sire Dagon*, apercebeu-se de que chegara tarde à reunião. Com *Dagon*, encontravam-se já Neen, vários comandantes e os vultos volumosos e familiares de Calrach e os seus dois assistentes. Os homens da Liga estavam sentados nas suas intrincadas e desconfortáveis cadeiras. Os numrek faziam-nos parecer pequenos — todos muito robustos e musculados, de feições rudes — mas, contudo, ambas as partes pareciam perfeitamente à vontade.

— Ah, Rialus Neptos — proferiu *Sire Dagon*, falando enquanto

ACÁCIA

exalava o fumo da bruma — por fim, reuni-vos a nós. Estávamos quase a acabar a reunião. Sede mais rápido no futuro.

Rialus começou a explicar que estivera a aguardar nos aposentos lá fora quase uma hora, mas ninguém parecia interessado nisso. Calrach levantou-se, cumprimentou-o com um abraço esmagador e depois recuou, batendo com toda a força da sua mão enorme no frágil ombro do homem.

— Meu amigo — disse, em numrek — que bom ver-te. Já não te pareces tanto com um rato. Agora pareces mais uma doninha. — Virou-se para os comparsas pedindo anuência, que eles deram. Depois cada um deles abraçou Rialus com o mesmo abraço esmagador.

Rialus atrapalhou-se ao responder em numrek. Continuava a detestar aquela língua bárbara e as contorções a que o obrigava a fazer aos lábios e à língua. Falava bem numrek, apesar de tudo, pois tinha-a aprendido aquando da sua missão como embaixador de Harnish Mein, nos territórios oferecidos aos antigos invasores, transformados, nessa época, em aliados. Por muitas razões, não gostava sequer que o lembrassem dessa altura da sua vida. Fora um período profundamente humilhante, pior, em alguns aspetos, do que o exílio que sofrera em Cathgergen. Na verdade, a luta que tivera ao aprender a língua numrek ajudara-o a curar a gaguez de que sofrera. Agora, conseguia falar praticamente sem dificuldade.

Quando se sentou, os criados, esqueléticos, ofereceram-lhe uma taça de vinho de ameixa que não ficava direita quando a pousava na mesa. Ninguém mais parecia ter o mesmo problema, o que era estranho, pois as taças dos outros eram iguais à sua. Subitamente parecia de uma extrema importância que ele não entornasse uma gota sequer do líquido açucarado. Recostou-se na cadeira, com a taça sobre o colo, tentando aparentar compostura. Pensou no que teriam discutido antes da sua chegada. O mais importante da coisa, tinha a certeza.

Sire Dagon aclarou a voz e falou sem deixar transparecer nenhum tom de emoção, humor ou ironia.

— Então, caro Calrach, eis Rialus como um servidor leal da rainha. Será ele quem irá guardar o jovem príncipe; mantê-lo a salvo de qualquer mal ou traição. Aqui entre nós, por vezes desconfio de que a rainha suspeita que tenhamos más intenções em relação ao irmão... garanti-lhe já que nós, na Liga, sabemos perdoar e esquecer como qualquer outra pessoa. Dariel agora é um príncipe, não o pirata, la-

drão e sabotador que em tempos foi. De qualquer modo, Rialus irá, sem dúvida, lutar por defender os interesses dos Akaran em todos os aspetos. Porém, o que dizer dos numrek? Será ao serviço da rainha que viajarão até Ushen Brae? Ou tendes os vossos próprios objetivos?

— Creio que a rainha Corinn lhes ordenou que fossem — aventou *Sire Neen*. — Sem dúvida para nos vigiarem. Os numrek também são leais a sua majestade...

Calrach interrompeu-o, batendo na mesa com uma forte palmada. Procurou no chão um lugar onde cuspir e fê-lo.

— Não nos importamos nada com a rainha. De qualquer maneira, nem é nossa rainha sequer. É uma cabra que abana a cauda mas que não a dá. Limita-se a mostrar os dentes e dar palmadas. Começamos a estar fartos dela.

No silêncio que se fez a seguir a isto, os dois homens da Liga trocaram um olhar preocupado. *Sire Neen* levou a mão à garganta como que para acalmar um assomo de tosse. Era uma reação normal para quem não estivesse habituado a lidar com os numrek, mas Rialus passara tempo suficiente com eles para saber que tinham sempre um discurso bélico. Não poderiam ser julgados pelos padrões de comportamento acacianos, mesmo no que dizia respeito aos insultos à rainha. Ele sabia bem disto, mas também os homens da Liga estavam conscientes de que era assim. Havia demasiada timidez na sua reação. Reparando nisso, Rialus franziu o sobrolho, metaforicamente.

— Mas ainda estais ao serviço dela? — inquiriu *Sire Dagon*.

— Estamos. Não há razão nenhuma para não estarmos. Se ela, através da Liga, me permite ver Ushen Brae novamente, estou feliz em a servir. Direi o que ela quiser que diga. — O numrek recostou-se no cadeirão. — Sim, fá-lo-ei. Ela não ficará desiludida. Mas não faço isso por gostar do cheiro que ela tem entre as pernas.

Rialus pensou que aquilo era uma expressão horrível, mas sabia que os numrek, tanto homens como mulheres, a usavam sem embaraço algum. Sentiu que as recordações o iriam invadir novamente, mas afastou esses pensamentos. *Mantém a tua sagacidade, Rialus*. Sorveu um gole de vinho e tentou manter-se tão impenetrável quanto possível.

Mulat, meio-irmão de Calrach, observou então:

— Fazemos isto porque o que for bom para os Akaran é bom

para os auldek e nós, como primos deles, só queremos o que for bom para eles.

Sire Dagon aceitou uma ameixa em conserva que um criado lhe oferecia e depois mandou-o embora — ou mandou-a, era difícil dizer — com um movimento da mão. Pegando na ameixa com as pontas dos dedos, cheirou-a.

— Primos, dizeis vós? Nunca compreendi bem o relacionamento entre os auldek e os numrek. Eles não vos expulsaram, não vos obrigaram a...

— Não, não, não — retorquiu Calrach, anelante de exasperação. Deu uma palmada no peito de Mulat com tal força que Rialus se encolheu de medo, embora isso não parecesse afetar o numrek.

— Não me façam perder a paciência novamente, homem da Liga! Disto não falamos. Não te diz respeito. Deixa de tentar arranjar maneiras de o descobrir.

Hum, pensou Rialus. *Então os Sires tinham perguntado sobre a relação entre os numrek e os auldek, vezes suficientes para que Calrach notasse.* Na verdade, Calrach era mais arguto do que o seu aspeto rude e grosseirão sugeria, mas, se de facto a Liga os pressionara, era óbvio que não sabiam tanto sobre os auldek quanto desejariam. Isto era muito interessante, ou perturbador, e digno de se ter em conta.

— As minhas desculpas — proferiu *Sire Dagon*, curvando numa vénia a cabeça. — Vós sois um povo tão interessante. Não me podeis culpar por sentir curiosidade. Em qualquer caso, serão membros honrados da nossa delegação. Inestimáveis, tenho a certeza.

Mais calmo, Calrach recostou-se pesadamente no cadeirão.

— Desculpai-me — interrompeu então Rialus — mas qual foi o nome que haveis usado? Ushebra...

— Ushen Brae — corrigiu-o Mulat. — É o nome da nossa terra.

— Oh, não tinha ouvido isso antes.

Mulat até tinha um rosto bonito para numrek, as feições talhadas de um modo mais proporcionado e passíveis de serem apreciadas por um ser humano normal. Contudo, à menor contrariedade, o rosto adquiria uma expressão tão ameaçadora que era difícil não o recear.

— Isso não significa que não seja assim. Vocês chamam às nossas terras as Outras Terras, mas por que razão o faríamos nós? Para nós, não são outras. Este lugar aqui é que é outro. Agora que iremos

ver novamente a nossa terra, dar-lhe-emos o nome que realmente tem.

— Deveria eu...

— Faz o que te aprouver — proferiu Calrach. — Não faz diferença alguma. *Sires*, há mais duas questões sobre a nossa ida nesta viagem pelo mar. Uma, levarei o meu filho. Não protestem. Nada tem a ver convosco. Mas levá-lo-ei para ver Ushen Brae. Segundo, vocês devem amarrar-nos.

A cabeça de *Sire Neen* inclinara-se ligeiramente para um lado, como a de um pássaro, e voltou a endireitar-se.

Isto, pensou Rialus, era a primeira demonstração genuína de surpresa que já vira num homem da Liga. Preparava-se para pousar a taça, desajeitadamente, mas, hesitante, reconsiderou. Em vez de a pousar, sorveu mais um gole.

— Amarrar-vos?

Em vez de responder, Calrach hesitou, subitamente pouco à vontade. Fez um gesto com o queixo ao meio-irmão e foi Mulat quem respondeu.

— Abominamos a água. Em terra, como aqui, nesta ilha no Mar Interior, não é mau de todo. Mas, nas Encostas Cinzentas... isso é outra coisa.

Os *Sires* responderam com bastante cordialidade. Compreendiam muito bem aquilo. Os *auldek* também odiavam o mar. De facto, nunca tinham visto nenhum deles a bordo de um barco, o que beneficiava grandemente os *lothan aklun*.

— Foi por isso que vós haveis chegado ao Mundo Conhecido através dos Campos Gelados. Não é a mais fácil das rotas.

— Foi um feito para nos tornarmos imortais — retorquiu Calrach, num tom fanfarrão que, mesmo para ele, parecia um pouco forçado. — Ninguém mais conseguiu tal proeza. Não somos muito diferentes dos deuses, não é?

Sire Neen assentiu, mas não proferiu palavra. Em vez disso, retraiu-se.

— É espantoso que tenhais medo do mar e, contudo...

— Medo? Medo? — Calrach esgarçou, desta vez sem olhar para onde. — Não tenho medo nenhum, mas a água é que não nos suportará!

— Então, não sabeis nadar? De certeza que poderíeis aprender. Até a criancinha mais pequena consegue...

ACÁCIA

Por instantes, Rialus teve a certeza de que Calrach iria esmagar o homem da Liga. O numrek soergueu-se do cadeirão. Agarrou nos braços da cadeira de Neen e aproximou o rosto dele, queixo ereto, os músculos do pescoço trementes.

— Nós temos ossos pesados!

Sire Neen, imperturbável e perplexo, perguntou:

— Ossos pesados? Que doença tão estranha.

— Por dentro sou de ferro — disse Calrach. — Atirem-me ao mar e irei imediatamente ao fundo como uma âncora. Não gostaria nada disso. Teria de caminhar pelo fundo do mar até voltar a terra. Poderia fazê-lo, mas só de pensar nisso fico furioso.

Apesar do facto de Rialus conseguir acreditar que os numrek tivessem ossos tão duros como ferro, teve de baixar a cabeça e aclarar a garganta para disfarçar o seu divertimento. Furioso, sim! Furioso como uma criança perdida na floresta. Nunca pensara que os numrek pudessem ser adeptos de manipular a língua.

— Então dizeis vós que teremos de vos amarrar? — perguntou *Sire Dagon*. — Com correntes, dizeis vós?

Calrach largou os braços da cadeira e voltou a sentar-se.

— Sim, se quiserem viver. Não posso prometer que não nos enfureceremos em alto mar, sem terra à vista. Vocês não quererão isso de certeza.

Durante alguns instantes, *Sire Dagon* e Calrach conversaram sobre a força das amarras que seria necessária para conter a sua força descomunal. Rialus observava os dois homens da Liga. O rosto malicioso de *Sire Neen* não ocultava o interesse divertido com que escutava a conversa. Os olhos, grandes, estavam atentos e a face corara. Talvez fosse por ter visto o rosto de Calrach aos gritos, mas estava agradado. Tinha a boca ligeiramente aberta e a ponta da língua sobressaía um pouco por entre os dentes que pareciam nós.

Pouco depois, um dos navegadores fez um resumo dos preparativos feitos para o príncipe, mas Rialus mal o escutava. Então, Rialus compreendeu algo que o estava a incomodar desde que chegara à reunião. Sabia, claro, que não se podia tomar como verdadeira nem uma única palavra dita por um homem da Liga. Pressentira em todas as perguntas, olhares e elogios que os homens da Liga estavam envolvidos numa rede tão fina de enganos que o que diziam apenas vagamente se assemelhava à verdade. Porém, tudo isto era normal.